TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DOS PRINCIPAIS ESQUADRÕES SÃO-PAULINOS

SPFC

são

Ana Hickmann

Alguém duvida que ela bate um bolão?

Leonardo

"Acredito muito no que Kaká possa fazer no Milan"

www.saopaulofc.net

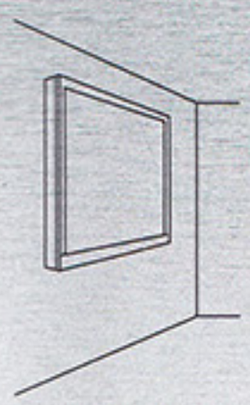
Nº 118 - R$4,50

É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.

SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,

VOCÊ PÕE NA PAREDE.

FischerAmérica



Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

www.lge.com.br

LG. DIGITAL POR VOCÊ.

LG

Digitally yours

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo
Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Claudio Aidar

Presidente do Conselho Consultivo
Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Jornalista Responsável
Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor
Carlos Mesquita

Secretária de redação
Ana Carolina Couttinho (textos e produção)

Colaboração
Ana Paula Andrade, Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Dorinho (charge), Francisco Santos, Igor Amorim, Juca Pacheco, Juliana Welling e Mariana Souza

Produção
Ingrid Oldenburg (maquiagem)

Reportagem
Fernando Savaglia

Colunistas
Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico) e Paulo Planet Buarque

Fotógrafos
Carlos Piratininga (fotos Ana Hickmann) Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Arte
Celso Andrade, Daniela Salvador, Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor SPFC
José Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 – 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo é uma publicação da Diretoria de Comunicações

Edição
HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo direct-to-plate por Prol Indústria Gráfica Ltda

FUNDAÇÃO ABRINQ | EMPRESA AMIGA DA CRIANÇA

ABERJE

Índice

04 Índice

06 Imagens
O último jogo de Kaká com a camisa tricolor

08 Entrevista
Hoje dirigente do Milan, Leonardo fala de seu aprendizado na nova função

12 Especial
O brilhante Leônidas da Silva chega aos 90 anos

14 Táticas
Tudo sobre os principais esquemas de jogo

20 Homenagem
O legado de Noronha, um dos craques da mais famosa linha média do futebol brasileiro

22 Capa
A supertop Ana Hickmann é são-paulina de carteirinha

30 Paixão Tricolor
O radialista Sombra e o bom humor do *Estádio 97*

32 Perfil
Simpático, o meio-campista Adriano gosta de cinema e pagode

36 História
A arte de nossos principais laterais-direitos

40 Adeus
A trajetória de Kaká e o até logo do ídolo

38 Campeonato
As partidas da equipe no Brasileirão 2003 e no Torneio Sul-Americano

44 Notícias do Tricolor
As conquistas de atletas são-paulinos no Pan-Americano, a campanha Natal dos Sonhos, Morumbi Premium Club...

Cinderela
boa de bola

Uma semana depois de participar do jogo em prol da campanha Natal dos Sonhos, Ana Hickmann revelou que é são-paulina de carteirinha

MAS EU ME MORDO DE CIUME

Tempos de agitação

Agosto foi um mês agitado. Logo no começo, no dia 2, ocorreu uma partida que estremeceu as arquibancadas do Cícero Pompeu de Toledo. O jogo principal, que também pegou fogo, era entre São Paulo e Internacional. Mas a festa rolou momentos antes.
Modelos da agência Mega e coelhinhas da revista *Playboy* puseram seu charme em campo em prol de uma boa causa. Elas participaram da campanha Natal dos Sonhos, da Pastoral do Menor, cujo objetivo é arrecadar brinquedos e distribuí-los em todo o País.
Quem se solidarizou pela segunda vez consecutiva à ação foi a top model Ana Hickmann. Após estrear nos gramados, a gaúcha conversou conosco e falou o que representa estar nessa campanha. Também fez revelações que certamente vão deixar os tricolores cheios de orgulho – a moça se diz são-paulina de carteirinha. Ainda comentou sobre carreira, marido, negócios, beleza etc. Para ilustrar esse bate-papo, rolou um ensaio com direito a uniforme do São Paulo e tudo mais. Um presentaço.
Continuando o período movimentado pelos lados do Morumbi, no dia 16, Kaká, principal ídolo do time neste começo de século, foi anunciado oficialmente como novo jogador do todo-poderoso Milan. Sua trajetória está em nossas páginas.
Se você é do tipo que não se entende muito bem com números e sempre teve dificuldade em assimilar o que significavam aquelas fórmulas matemáticas dos técnicos de futebol (3-5-2, 2-3-5, 4-4-2, 4-3-4, 4-5-1 etc.), preparamos uma reportagem sob medida. Depois dessa, ninguém ficará na dúvida. E todo mundo vai querer sugerir alguma coisa ao técnico. Pobre Rojas.
Além de tudo isso, ainda tem Leônidas da Silva em matéria comemorativa aos seus 90 anos; uma homenagem póstuma a Noronha, famoso por ter formado a linha média mais conhecida do futebol brasileiro ao lado de Rui e Bauer; uma entrevista com o ex-jogador Leonardo, hoje dirigente respeitado do Milan que foi responsável pela intermediação entre a esquadra italiana e Kaká; um perfil divertido do meio-campista Adriano e um histórico dos principais laterais-direitos do clube. Boa viagem ao mundo tricolor em revista.

Editorial

ETERNO DIAMANTE

Esporte nascido para divertir, o futebol se transformou num dos maiores fenômenos de massa do século passado. No Brasil, cresceu pelo poder da sedução e da magia de craques que hipnotizavam seus adversários com a bola nos pés. E o São Paulo sempre foi pródigo na revelação e consagração de jogadores que ajudaram a escrever a história do esporte no País.
Nesta edição, estamos comemorando o aniversário do maior ídolo são-paulino de todos os tempos: Leônidas da Silva. O eterno craque completa, no dia 6 de setembro, 90 anos de idade. Sofrendo do Mal de Alzheimer, atualmente o 'Diamante Negro' descansa em uma clínica geriátrica nos arredores de São Paulo. Mas suas jogadas continuam imortalizadas em nossas memórias.
Ao mesmo tempo em que celebramos a longevidade de Leônidas, choramos a perda do vértice de um dos trios mais respeitados do futebol brasileiro. Noronha - que, ao lado de Rui e Bauer, formou a mais talentosa e eficiente linha média das décadas de 40 e 50 - faleceu no último mês aos 85 anos. Craque inconteste, ele foi peça fundamental no Rolo Compressor Tricolor que conquistou cinco títulos paulistas (43,45,46,48 e 49) e forjou a imagem do São Paulo como um dos grandes clubes do futebol.
Outros dois craques também enriquecem nossas páginas. O primeiro, Leonardo, campeão da Libertadores e do Mundial pelo clube e agora dirigente do Milan. O segundo, Kaká, a maior revelação que surgiu nos gramados nos últimos anos e agora estrela milanesa numa constelação que já conta com os ex-são-paulinos Cafu e Serginho. Estaremos aqui torcendo para que alcance a realização pessoal e profissional que merece.
Falamos também, neste número, de táticas e estratégias do futebol. Matéria imperdível, para guardar. Boa leitura!

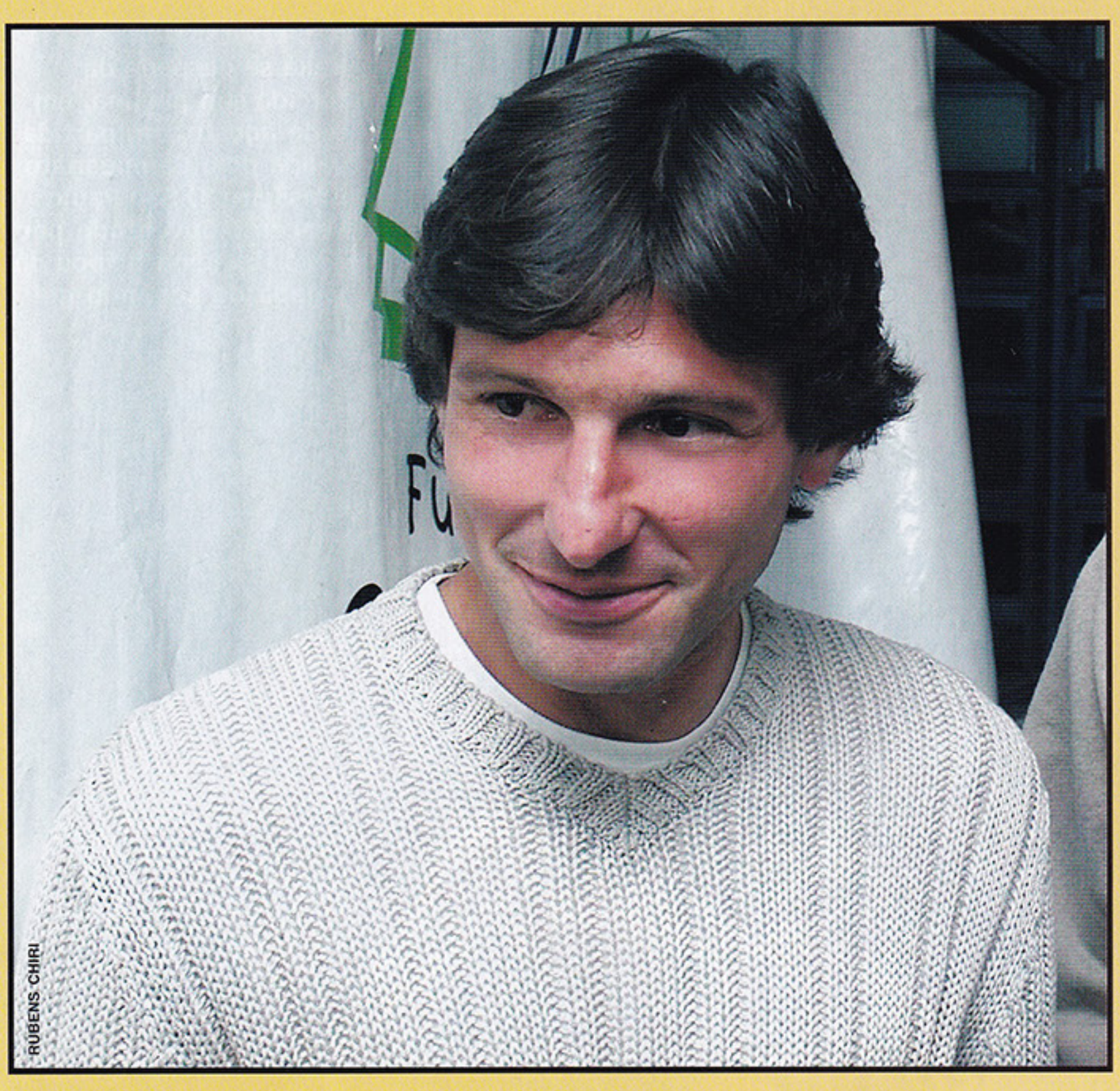
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente

Imagens

ATÉ LOGO

Kaká se despede da torcida são-paulina, em 9 de agosto, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. O São Paulo venceu o Juventude por 3 a 1. E ele participou da jogada do segundo gol

FOTO RUBENS CHIRI



"Há uma geração na gestão do futebol brasileiro que tem de terminar"

Atualmente dedicando-se aos interesses do Milan, o ex-jogador Leonardo não perde a visão crítica sobre o que acontece com o futebol brasileiro

Gol de placa

Por I.C. Martins

Leonardo Nascimento de Araújo não foi um jogador de futebol comum. O ex-craque tricolor deixou a sua marca por onde passou. Dentro e fora do campo. Cidadão brasileiro, criou com seu amigo Raí a Fundação Gol de Letra, exemplo de ação social reconhecido até mesmo pela Unesco, organismo da ONU responsável pela infância no mundo.

Leonardo pendurou as chuteiras, mas não seus ideais. Cidadão do mundo, é hoje dirigente do Milan, um dos principais clubes de futebol da face da terra. Inspirado pela Gol de Letra, viu aprovada e concretizada na Itália sua sugestão para a criação da Fundação Milan, que agora dirige.

Casado com Beatriz, pai de Lucas, Júlio e Joana, esse niteroiense ganhou múltiplas atividades no clube milanês. Mas não perde a visão crítica sobre o que acontece com o futebol brasileiro. Tampouco esquece as glórias que viveu com a camisa do São Paulo. Como todos os que levam o futebol a sério, clama por mudanças na carcomida estrutura do esporte nacional.

Enquanto não encontra o cenário ideal para atuar no esporte tupiniquim, bebe na fonte italiana importantes ensinamentos políticos e administrativos que poderá aplicar no Brasil em um futuro breve. Ele não deverá escapar da missão de dirigir clubes nacionais. Enquanto esse momento não chega, Leonardo abre as portas do melhor futebol da Europa para craques do Brasil. O jovem Kaká foi o último que ingressou nesse mundo. "É um ritual de passagem", garantiu o tetracampeão mundial, assessor de Adriano Galliani, vice-presidente executivo do Milan. Leonardo Nascimento de Araújo não é um ex-jogador de futebol comum.

Você passou de jogador para dirigente, atuando numa das melhores equipes do mundo. Como está sendo essa experiência no Milan?

Está sendo superlegal. Mas nunca tive um projeto de ser dirigente de futebol. Estava caminhando para o social. Para o lado da Fundação *(Gol de Letra)*. Era no que investia, o que estudava. Claro que isso continuo fazendo e me dá prazer. Mas o que me levou para esse caminho novo foi a relação de amizade criada. Isso me fez aceitar o desafio da função. Não entrei no lugar de ninguém. Entrei como assistente do vice-presidente, que é quem tem todo o poder lá dentro.

Nasceu de uma relação que proporciona um ambiente de trabalho que também me dá muito prazer. Claro que, me inserir nesse ambiente, numa estrutura excelente, tentar dar idéias e criar outras coisas, depende de mim. Está sendo muito bacana.

Qual é sua área específica de atuação no clube italiano?

Na Itália, a estrutura é diferente. Lá, existe um dono do clube. É o Silvio Berlusconi. Mas ele tem inúmeras atividades. Então delegou a gestão do clube a Adriano Galliani, que é o vice-presidente executivo. Tenho uma excelente relação com ambos. Mas, obviamente, uma aproximação maior com o senhor Galliani. Sou assistente dele. Dentro dos ideais que temos em comum, nasceu a Fundação Milan, em fevereiro. Claro que vem de uma certa vivência que tenho com a Fundação Gol de Letra. E também, claro, surgiu da vontade do clube em colaborar na evolução social. E, nessa Fundação, sou o diretor-geral. Minha função no clube é bem ampla. Posso participar de várias coisas. É algo novo e que está ainda sendo construído.

A sua experiência como jogador está ajudando na função?

Creio que sim. Claro que minha vivência dentro de um ambiente, com experiência profissional e visão de quem viveu aquilo, ajuda. O Milan aposta muito no envolvimento do jogador com seu time. Na criação desse vínculo.

Qual é seu papel nesse trabalho?

Existem a visão técnica e a de campo. Além disso, há a da gestão, institucional. Então busco transmitir essas mensagens. Passar às pessoas o que o clube se propõe. Quais os objetivos, como atingi-los. É uma comunicação importante. Fazer isso chegar ao grupo é que faz o resultado final. Existe toda uma gestão, mas o trabalho final está em campo. Criar esse vínculo, construir uma mentalidade única é difícil. Esse é meu grande desafio.

Você passou por vários clubes no Brasil. É possível comparar as estruturas que temos aqui com as que existem na Europa?

Não é possível comparar. São realidades distintas dentro de países distintos. Seria uma incoerência ter um futebol rentável e organizado em um país que tem muitas outras prioridades. Tudo é proporcional. O que permite ao Milan ser o Milan, ao Manchester ser o Manchester é toda uma estrutura global. É difícil para São Paulo, Flamengo ou Corinthians crescer dentro de uma estrutura antiga, dentro de um mecanismo já meio falido. Essa é a estrutura do nosso futebol. É um problema estrutural e não dos clubes. Claro que as gestões individuais, no geral, não são boas. Temos mil dificuldades, mil limitações. Isso é verdade. Mas temos também uma estrutura geral falida em relação a federações, campeonatos etc. Não digo que seja fácil mudar isso. Mas temos de pensar numa estrutura global.

Você acredita que as recentes mudanças na legislação esportiva brasileira irão contribuir para essas transformações?

É um momento de transição. Não é um ponto de chegada, mas de partida. Entretanto, não é fácil mudar uma estrutura. Existem mil resistências, tabus a serem derrubados. A Itália, a Inglaterra, a Espanha e todos os países que hoje têm os mais fortes campeonatos do mundo passaram por isso e encontraram suas dificuldades. Temos de deixar a fase das reclamações e lamentações. Temos é de buscar alternativas e identificar as que possam ajudar nesse processo. Mas há uma geração na gestão do futebol brasileiro que tem de terminar. Tem de passar. Mas ela ainda está dentro.

Sua transição de jogador foi em tempo recorde. Quanto demorou para você ir de um lado para o outro?

Uma semana. O momento de estudar minhas possibilidades passei jogando. Tinha decidido parar. Quando voltei ao Brasil, por me considerar um romântico, vim querendo jogar no Flamengo e no São Paulo. Eram os dois times onde eu tinha jogado. Um tinha me revelado (Flamengo) e o outro (São Paulo), dado a oportunidade de viver meus momentos mais fortes de conquistas e títulos. Criei uma identificação com o São Paulo, com sua filosofia, muito forte. Tinha essa vontade de terminar minha carreira aqui. Fiz isso. Sabia do momento difícil. Estava num processo de final de carreira. Já pensando em outras coisas. Depois, em seis meses que fiquei parado, deixei as coisas acontecerem. Minha vida se encaminhava para a Fundação *(Gol de Letra)*. Para o lado social. Era por onde eu estava indo.

O que o fez mudar de idéia?

Veio um convite do Milan em 2002. Falaram: "Leo, termine sua carreira aqui, com a camisa do Milan, dentro do San Siro". Foi um convite muito carinhoso. Sabia que tínhamos uma relação forte. Mas não a imaginava tão forte assim. Fui para lá com um contrato de oito meses. Joguei seis. Mas, nesse período, os laços foram ficando cada vez mais estreitos. Passei a dividir idéias, participar da idealização de projetos, mesmo jogando.

Então seus planos de encerrar a carreira foram realizados acima de suas expectativas?

Superaram e muito rápido. Tenho só 33 anos. Ainda tenho muito que aprender e muito para viver.

O terceiro setor está crescendo aqui. Como você vê o futuro da Gol de Letra e outras instituições desse segmento?

Cada vez mais, existem instituições sérias que dão uma contribuição no social muito forte. Há setores em que o Governo tem muita dificuldade. Não consegue chegar. Acho que temos de passar por um processo de regulamentação de tudo isso. É preciso entender para onde estamos andando, o que estamos fazendo, o tipo de resultado que temos e onde estão essas pessoas que são beneficiadas por esse trabalho. O Governo tem de controlar e organizar esse tipo de ação. Tem de haver uma linha de trabalho e o controle do Estado. Caso contrário, será sempre um trabalho no varejo. Será uma ação de amor, mas sem os resultados concretos.

Como você vislumbra o futuro dos futebol brasileiro a partir de uma avaliação dos craques que estão surgindo?

O Brasil, mesmo sem muita noção e planejamento, tem uma capacidade de revelar talentos que é muito nossa. Não há um molde de revelação. É natural. Surgem jogadores de vários tipos e estilos. Mas é preciso se importar um pouco mais com isso. As coisas estão se modernizando. As pessoas estão correndo atrás de uma nova maneira de formar. Hoje, o futebol está em todo o mundo. Se estuda o futebol. Há muita informação circulando. Temos também que nos organizar nesse sentido. Mas não há como negar essa nossa capacidade extraordinária de revelar jogadores.

Os jogadores do Brasil seguem cada vez mais valorizados e desejados pelos clubes de fora.

Isso é muito bacana. Hoje, no Milan, um clube de ponta, atual campeão da Europa, temos seis brasileiros no grupo *(Ro-*

"Aqui, temos muita gente que tem capacidade de fazer. Falta é uma visão mais ampla de que, se o todo não for organizado, as individualidades não vão sair do buraco. Os times europeus são fortes por pertencerem a ligas fortes"

FOTOS RUBENS CHIRI

que Júnior, Dida, Cafu, Serginho, Rivaldo e Kaká).

O último a entrar para esse time foi o jovem Kaká. Qual foi sua participação nessa contratação?

Normal. O Kaká não foi para o Milan porque eu sou brasileiro ou porque a gente investe no Brasil. É uma revelação, uma promessa realmente. Tem todas as possibilidades, por suas características pessoais, de realizar um trabalho maravilhoso. Mas a gente nunca sabe aonde vai chegar. Mas acredito muito no que ele possa fazer no futebol e no Milan.

Foi difícil tirá-lo do São Paulo?

Não foi nada fácil. Primeiro, por sua enorme ligação com o clube. Mas existe uma cultura que ajuda as pessoas entenderem essa situação, essa passagem. Não é de hoje que os jogadores brasileiros que se revelam sigam para a Europa. Não é o Kaká ou não fui eu. É uma realização cumprir esse estágio. Não é só o contrato. Mas o desafio de se colocar naquele futebol considerado o mais organizado do mundo. Fico feliz por ter uma ligação tão forte com o São Paulo, como tenho, e poder participar disso, conduzindo de maneira tranqüila as negociações, tentando fazer o que é melhor para todo mundo.

Nesse sentido, como foi a atuação da diretoria do São Paulo?

A diretoria lutou pelos direitos do São Paulo. Fez isso muito bem. Atuou de maneira muito tranqüila, honesta e extremamente civilizada. Sempre preservando os interesses do clube, mostrando quais eram as pretensões do São Paulo e entendendo a situação do Kaká. Queriam manter o jogador. Afinal, é uma perda. Mas há toda uma situação, o mercado. Enfim, toda uma situação que empurra para soluções desse tipo.

Você fala com muito carinho de sua passagem pelo São Paulo. O que mais lhe marcou no clube?

Foram várias passagens. Talvez meu primeiro contato, quando cheguei em 1990, aos 20 anos. Naquela época, era um São Paulo em dificuldades. Saindo da segunda divisão do Paulista, buscando uma identidade. Um grande time, mas num momento complicado. Logo depois, o professor Telê chegou. Ele substituiu o Forlan. Então nasceu aquele ciclo. Fomos vice-campeões brasileiros em 90. Continuamos com aquela base e fomos campeões brasileiros em 91, ganhando do Bragantino por 1 a 0 lá em Bragança. Nasceu ali aquele São Paulo que ganhou tudo. Foi uma coisa muito legal.

Olhando para trás, relembrando esses acontecimentos, qual seu sentimento?

De agradecimento. O futebol foi muito generoso comigo. Pude participar de um momento da história do São Paulo muito especial. Foram anos maravilhosos. Mas o futebol tinha que terminar. Mas me sinto feliz por ter participado disso. O futebol foi muito generoso comigo na seleção, no Flamengo, nos outros clubes por onde passei. Não tenho um sentimento nostálgico. No São Paulo, nasceu

uma filosofia de trabalho, implantada pelo Telê. O time ganhou tudo e aconteceram vários fatos importantes da minha vida: o bicampeonato mundial, a Supercopa, minha volta ao meio-de-campo. Então o São Paulo esteve presente nos momentos mais importantes de minha carreira. Mas sem esquecer o Flamengo. Lá, realizei um sonho de criança. Nasci no Rio. Sou de Niterói. Cresci flamenguista. E foi lá que, aos 14 anos, nasci para o futebol. Fiz um teste com outros 300 garotos e acabei ficando.

Como você analisa hoje a iniciação no Brasil?

Novamente, fala a parte cultural. Temos aquela coisa de que o craque se forma naturalmente. Claro que isso é positivo. Mas é preciso haver um equilíbrio. Isso para corrigir algumas deficiências. Aqui, um zagueiro demora muito para ser formado. Não há uma orientação específica. No ataque, não; mas, na defesa, isso é concreto. Não dá para ensinar talento, mas fundamentos.

Leonardo e Raí *(à esq.)* : serviço social reconhecido pela Unesco com a Gol de Letra

"Nunca imaginei ter essa experiência. Está sendo superlegal. Mas nunca tive um projeto de ser dirigente de futebol. Estava caminhando para o social. Para o lado da Fundação *(Gol de Letra)*. Era no que investia, o que estudava"

Toda essa bagagem acumulada por você, e a que está adquirindo agora, não lhe transforma em candidato potencial a dirigente de clubes brasileiros?

(Rindo) Vou ser sincero. Nunca pensei em ser dirigente de futebol. Estou num processo inicial. Com a sorte de participar de um mecanismo vencedor como o Milan. Isso me ajuda muito a entender milhões de coisas. O que vai ser o futuro, não sei. Vou deixar acontecer. Não creio numa pessoa só fazendo tudo. Mas num conjunto de pessoas querendo a mesma coisa. Numa organização pensada por muitas pessoas.

Então é possível imaginar você formando uma equipe capacitada para comandar clubes no Brasil com uma metodologia mais moderna?

Aqui, temos muita gente que tem capacidade de fazer. Falta é uma visão mais ampla de que, se o todo não for organizado, as individualidades não vão sair do buraco. Os times europeus são fortes por pertencerem a ligas fortes. É preciso ter uma visão do macro, do geral. Caso contrário, será difícil os clubes tornarem visíveis suas tradições. O nosso campeonato não é visto em lugar nenhum do mundo. Ninguém vê e ninguém entende. O torcedor não entende. Não há tradição.

Como isso poderia acontecer?

Tinha de mudar o cenário total. Todos os poderes precisariam agir juntos. Governo, organizações esportivas, clubes. Todos dentro de um projeto. Senão, vamos ficar para trás.

Então não adianta clubes como o São Paulo terem uma boa administração nesse cenário?

Adianta. É claro que adianta. Um fato não anula o outro. As ligas fortes da Europa aconteceram a partir da visão conjunta dos clubes participantes. Foi assim na Inglaterra, Espanha e Itália, por exemplo. Clubes importantes acompanhando essa evolução. Senão, ela não acontece.

O São Paulo dentro de campo merece que avaliação hoje?

O São Paulo mantém a tradição do time jovem que consegue revelar grandes talentos. Mas o mercado fez o Kaká ir embora, assim como outros atletas. E é preciso continuar a renovação. Por algum tempo, o São Paulo consegue manter seu padrão durante o campeonato. Mas tem a dificuldade na hora de decidir um título. Isso, com certeza, é porque sempre contou com um time mais jovem. Muitas vezes, a experiência ajuda.

Qual é o próximo jogador a ser levado para a Itália por você?

Agora não. Temos um grupo fechado, superbom. Com uma conquista importante, que foi a Liga dos Campeões, e que tem tudo para fazer um ciclo. Temos um time para dois ou três anos, facilmente.

Na Fundação Gol de Letra, existem planos de parcerias com clubes de futebol?

Estamos com quatro anos de atuação. Somos reconhecidos pela Unesco como modelo mundial de atendimento à criança e ao adolescente. Estamos na fase de consolidação de trabalho. O objetivo agora é disseminar nossa experiência para mudar a realidade das crianças que hoje não têm oportunidade nenhuma.

Esse know-how que vocês têm na área social não poderia ser usado para parcerias com clubes de futebol?

Penso muito nisso. Mas o futebol tem que, primeiro, se organizar. Os clubes têm uma visão limitada. Em geral, ficam apagando incêndio, sem conseguir criar projetos.

O "Diamante" de 90 anos

Mais uma conquista do maior centroavante brasileiro de todos os tempos

Por Eduardo Tedesco

O glorioso Leônidas da Silva, conhecido como o "Diamante Negro" do futebol brasileiro, chega aos 90 anos. Desde 1993 morando em uma clínica geriátrica na capital paulista, ele recebe visitas regulares da inseparável Albertina Pereira dos Santos, de 75 anos, sua mulher desde 1956 e única pessoa viva da família.

Leônidas tem a doença de Alzheimer em estágio avançado. Como lhe falta coordenação motora, passa boa parte do dia sentado. O ex-atleta, que conta com a ajuda de fisioterapeutas, segue se alimentando devidamente e já não fala mais, apenas balbucia sons e letras. "Às vezes, ele esboça um sorriso. Passo a mão no rostinho dele e o sinto como meu nenê", emociona-se dona Albertina.

Boa parte dos jovens são-paulinos pouco sabe sobre esse gênio do futebol. Leônidas nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1913. Petronilho de Brito e Arthur Friedenreich ("El Tigre") eram os principais boleiros brasileiros até 1930. Depois...

Os mais saudosos daquela época dizem que o presidente Getúlio Vargas, o cantor Orlando Silva e o jogador Leônidas não podiam andar normalmente pelas ruas, por motivos distintos. Em 1931, contra o Esporte Clube Carioca, o então jogador do Bonsucesso, do Rio, fez um fabuloso gol de bicicleta - lance que repetiu com precisão durante anos.

A elasticidade era uma de suas qualidades mais impressionantes. Em 1932, uma atuação magnífica num jogo pela seleção brasileira, em Montevidéu, contra os uruguaios (campeões mundiais em 1930), rendeu-lhe o apelido "Diamante Negro", por ser considerado um jogador brilhante, raro e valioso.

Mas ele só usaria em definitivo o apelido após a Copa da França (1938). Artilheiro dessa competição - chegou a fazer um gol sem a chuteira -, Leônidas foi eleito o melhor jogador do mundo e ficou conhecido pelos franceses como o "Homem de Borracha", pois fazia o impossível com o próprio corpo.

CARREIRA CONTURBADA

O craque passou por momentos difíceis em sua carreira (1930-1950). Sofreu com o amadorismo da época, a falta de estrutura para treinamentos e o preconceito racial.

Jogou em campos brasileiros paralelamente à Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências. Ainda assim, ganhou notoriedade e virou ídolo de uma geração que acompanhara futebol sem a inseparável televisão dos tempos de hoje.

O ex-goleiro do Tricolor paulista José Poy declarou certa vez: "Entre Leônidas e Pelé existe uma diferença: a mídia eletrônica". Pela seleção, obteve êxito contra a Argentina e o Uruguai.

Chegou a atuar pelo Peñarol, do Uruguai, em 1933, quando se iniciou a profissionalização do futebol brasileiro. Ganhou o Campeonato Carioca por três grandes times do Rio de Janeiro: Vasco da Gama, Botafogo e Flamengo. Neste último, o "Diamante" sofreu muita pressão. Em 1941, ano mais conturbado no rubro-negro, a Justiça Militar des-

Leônidas foi técnico do São Paulo FC em três oportunidades

cobriu que Leônidas possuía um certificado de reservista de categoria diferente, o que significava situação militar irregular. Por conta disso, foi condenado a oito meses de detenção em vila militar. Ficou preso até o início de 1942, mas aproveitou para cuidar do joelho recém-operado e fazer mais amigos – alguns, militares.

O LEÔNIDAS SÃO-PAULINO

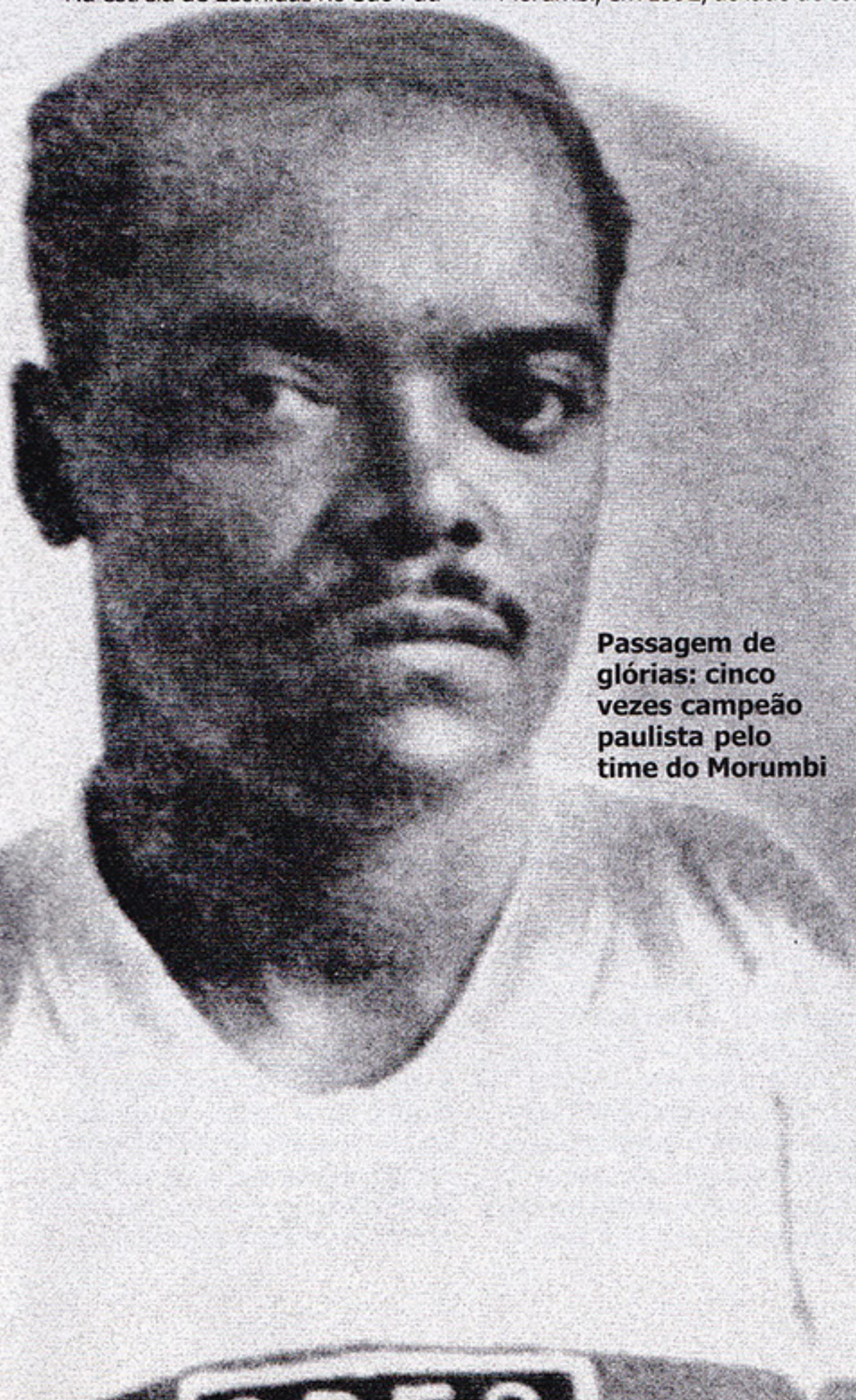
Em abril de 1942, Leônidas desembarcou de um trem na capital paulista. Apesar de muitos o considerarem acabado para o futebol, o São Paulo comprou o jogador do Flamengo por 200 contos de réis, a maior quantia paga até então no Brasil por um jogador.

Atuou até o final de 1950 pelo Tricolor, clube em que se tornou "Deus", marcando 140 gols dos seus 406. "Leônidas foi o grande impacto desenvolvimentista do São Paulo F.C. A vinda dele para cá deu inicio à superioridade do futebol paulista sobre o carioca", recorda Paulo Planet Buarque, ex-jornalista que cobriu duas Copas do Mundo.

Na estréia de Leônidas no São Paulo, contra o Corinthians (3 a 3, em 24/05/42), foi registrado recorde de público no Estádio do Pacaembu: 72 mil pessoas. Leônidas venceu com o Tricolor os Campeonatos Paulistas de 43, 45, 46, 48 e 49. Não convocado para a primeira Copa do Mundo pós-guerra em 1950, no Brasil, o jogador são-paulino chegou a declarar que a seleção perderia o Mundial. Dito e feito.

Pioneiro como atleta garoto-propaganda no Brasil (goiabada, da Peixe; cigarros Leônidas, da Sudan; e chocolates Diamante Negro, da Lacta), Leônidas foi o primeiro ex-jogador do País a ocupar um posto de comentarista esportivo. Nessa função, acompanhou o futebol até 1976, ao lado de grandes nomes do rádio brasileiro. Em 1983, deixou o funcionalismo público – atuava na Secretaria do Trabalho de São Paulo. A doença de Alzheimer agravou-se na segunda metade da década de 80.

Duas homenagens contagiaram muito o "Diamante". Uma em 1987, no Maracanã, saudado pelo flamenguista Zico e pelo vascaíno Roberto Dinamite. A outra, no Morumbi, em 1992, ao lado de companheiros são-paulinos. Um detalhe: ele jamais jogou nesses templos da bola. Foi no Pacaembu que Leônidas eternizou seus lances acrobáticos. Uma foto de 1948, contra o Juventus, registra a famosa bicicleta do "Homem de Borracha".



Passagem de glórias: cinco vezes campeão paulista pelo time do Morumbi

REPRODUÇÃO

Estátua do craque no Memorial tricolor

TATYANA ALVES

Esse e outros lances magníficos garantem a Leônidas um lugar de destaque na galeria dos maiores jogadores são-paulinos. "A bola era a lua cheia de graça de Leônidas da Silva", destaca o cronista esportivo Armando Nogueira, craque das palavras.

JÓIA RARA DO FUTEBOL

O "Diamante Negro" tornou o São Paulo grande. Alguns chegaram a equipará-lo ao "Rei do Futebol". A apresentação do livro *O Diamante Eterno - Biografia de Leônidas da Silva* - alerta que ninguém deseja tirar a soberania do "Rei", mas lembra uma afirmação do importante jornalista esportivo Luís Mendes. "Leônidas não foi melhor que Pelé. Pior, ele não foi...".

No final da obra, o biógrafo André Ribeiro ressalta que o diamante é, provavelmente, a jóia mais valiosa, simboliza realeza e poder e, dentre as pedras preciosas, é a mais resistente.

Quem pensa em uma seleção brasileira de gala de todos os tempos dificilmente não chega ao seguinte dream team. No gol, Gilmar; na defesa, Djalma Santos, Domingos da Guia, Carlos Alberto Torres e Nílton Santos; no meio, Gérson, Didi, Zizinho e Pelé; no ataque, Garrincha e esse baixinho maroto, polêmico, mulherengo, inteligente, veloz, habilidoso, genial, goleador (mortal, mesmo depois dos 30 anos), campeão em grandes clubes brasileiros, ídolo, reconhecido mundialmente... Não, não se trata de Romário. Esse é Leônidas, agora noventão! Muito mais sobre esse gênio da bola pode ser visto no site oficial do São Paulo (www.saopaulofc.net) e no Memorial do Tricolor, no Estádio do Morumbi, onde há uma estátua de Leônidas que imortaliza a jogada que ele difundiu pelo mundo: a bicicleta.

LEÔNIDAS DA SILVA

Apelido: Diamante Negro
Nascimento: 06/09/1913
Local: Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Centroavante
Gols: 406 (140 marcados pelo SPFC)
Clubes em que atuou: Sírio e Libanês (1930), Bonsucesso (1930 a 1932), Peñarol-URU (1933), Vasco da Gama (1934), Botafogo (1935 a 1936), Flamengo (1936 a 1942), São Paulo (1942 a 1950)
Alguns títulos: Campeão Carioca pelo Vasco (1934), pelo Botafogo (1935) e pelo Flamengo (1939); Campeão Paulista (1943, 1945/46, 1948/49) pelo São Paulo.

Técnicos, táticas e estratégias

A REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO esclarece como nasceram e se desenvolveram os principais esquemas de jogo ao longo dos tempos, além de mostrar de que maneira atuavam as equipes mais vencedoras da história do Tricolor

Por Fernando Savaglia

No início do futebol, surgido oficialmente na Inglaterra em 1863, os jogadores buscavam apenas atingir o objetivo principal do esporte, que era o gol. Ainda hoje, isso é claramente percebido no primeiro amistoso internacional entre seleções, em que, no dia 30 de dezembro de 1872, os ingleses enfrentaram a Escócia com uma equipe montada no 1-1-8. Ou seja, um zagueiro, um meio-campista e oito atacantes.

Os escoceses, por sua vez, atuaram com uma formação, digamos, um pouco mais defensiva. Adotaram um 2-2-6. O irônico é que, apesar de tantos atacantes, o resultado foi um insosso 0 a 0.

Além de os times se embolarem, existia uma regra para o impedimento diferente da que conhecemos hoje. Até 1925, era considerado em posição irregular o atleta que não tivesse, entre ele e a linha de fundo, três adversários, incluindo o goleiro. Com a atualização da norma, em meados da década de 20, passariam a ser necessários somente dois, com a inclusão do arqueiro.

Na época, a figura do técnico não existia. As equipes era dirigidas por meros curiosos ou, na sua maioria, pelos próprios jogadores. Segundo o livro *Banho de Bola,* do jornalista Roberto Assaf, em 1886 a International Board, organismo criado em 1882 para elaborar as leis que regem o futebol em âmbito mundial, pôs, nas regras do jogo, a obrigatoriedade de utilizar somente o 2-3-5 (dois zagueiros, a chamada linha média com três meio-campistas e cinco atacantes), conhecido também como pirâmide.

Tal medida era puramente teórica, pois, na prática, era impossível controlar a movimentação dos jogadores em campo. Mas, mesmo assim, o esquema - e algumas de suas variantes - acabou se firmando como o predileto de 99,9% dos times, justamente, no período em que começaram a surgir alguns estudiosos do assunto. Eles buscavam opções para surpreender os adversários.

NOS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Mais de trinta e cinco anos se passaram desde a primeira partida disputada sob a batuta de Charles Miller - homem que trouxe o futebol para o Brasil - e a fundação do São Paulo da Floresta, em 26 de janeiro de 1930.

Em 1931, atuando no clássico 2-3-5, adotado por praticamente todos os times nacionais e contando com ex-jogadores do extinto Departamento de Futebol do Clube Atlético Paulistano, o Tricolor faturou seu primeiro título paulista.

Nessa campanha vitoriosa, o técnico era Rubens de Morais Salles, cuja carreira, que prometia muito, fora bruscamente interrompida três anos depois desse feito por conta de uma pneumonia que o levou à morte.

Em 1930, o treinador Gentil Cardoso, ex-marinheiro pernambucano, tentou implantar, no pequeno Bonsucesso carioca, um sistema inovador inventado em 1925 pelo inglês Herbert Chapman, técnico do Arsenal naqueles tempos.

O revolucionário método contava com três zagueiros, dois meio-campistas mais recuados, dois meia-atacantes e três jogadores no ataque. Tal disposição acabou por batizar o novo esquema de WM. Mas, pelo que se sabe, Gentil não obteve grande sucesso por causa da baixa qualidade técnica do time. A escalação começava, curiosamente, com o goleiro Medonho e terminava com o ponta-esquerda Prego.

Apenas em 1937, o WM voltaria a ser usado. E com êxito total. Quem o pôs em prática de novo foi o suíço Dori Krueschner, técnico do Flamengo. Para alguns estudiosos, todos os sistemas criados depois da década de 40 são, na verdade, apenas variações do WM de Chapman.

TEMPOS DE GLÓRIA

A década de 40 começou com o Tricolor nas mãos de Ramon Platero. Nascido em Montevidéu, ele desembarcou no Brasil com a seleção de seu país a fim de disputar o torneio Sul-Americano de 1919. O curioso é que o uruguaio, na época então massagista da equipe, fez-se passar por auxiliar do técnico Severino Cartigo para conseguir um emprego de treinador no Fluminense.

Apesar de nenhuma grande inova-

A DIFERENÇA ENTRE ESTRATÉGIA E TÁTICA

A estratégia é o planejamento determinado pelo técnico. Isso inclui a disposição dos atletas em campo (sistema), as variações de jogo – que podem ser mais defensivas, ofensivas ou de contra-ataques, por exemplo - e a harmonização dos setores da equipe. Já a tática, que é, na verdade, um produto da estratégia, é o conjunto de manobras e ações executadas durante a partida pelos jogadores.

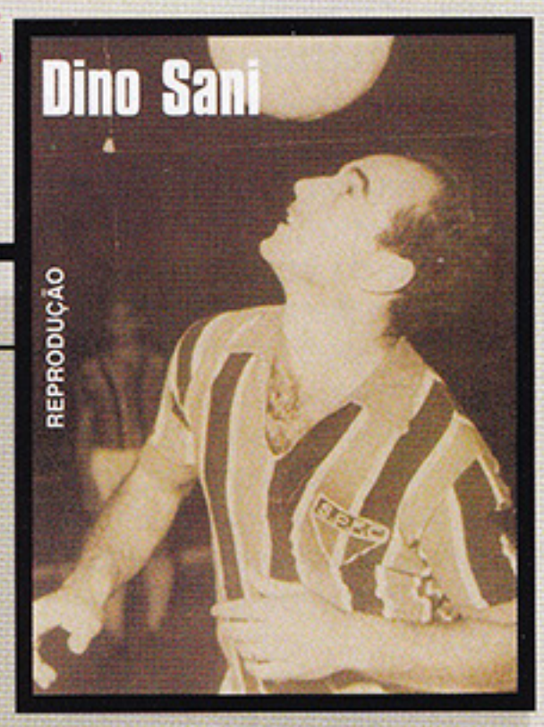
ESQUEMA CLÁSSICO

Com variação da diagonal São Paulo Campeão Paulista de 48

Em destaque, você observa a famosa linha média do Tricolor. Em 1948, Feola inverteu o posicionamento de Rui e Bauer. O primeiro virou o centromédio da equipe e o segundo passou a atuar mais avançado pela direita. Os três jogadores formavam uma linha diagonal e Noronha desempenhava a função de lateral-esquerdo.

REPRODUÇÃO

Rui, Bauer e Noronha: a mais famosa linha média de todos os tempos



REPRODUÇÃO

ção estratégica como técnico do São Paulo, Platero fez fama ao dar atenção especial à preparação física e, principalmente, à motivação dos atletas.

Em 1943, ano em que o Tricolor conquistou o primeiro título da era do Esquadrão de Aço, o comando estava com o ex-árbitro de futebol Jorge Gomes da Silva, o Joreca. Nessa época, as escalações, ao menos no papel, sempre traziam um goleiro, um lateral-direito e um zagueiro-central, seguidos da linha média com três jogadores e cinco atacantes à frente.

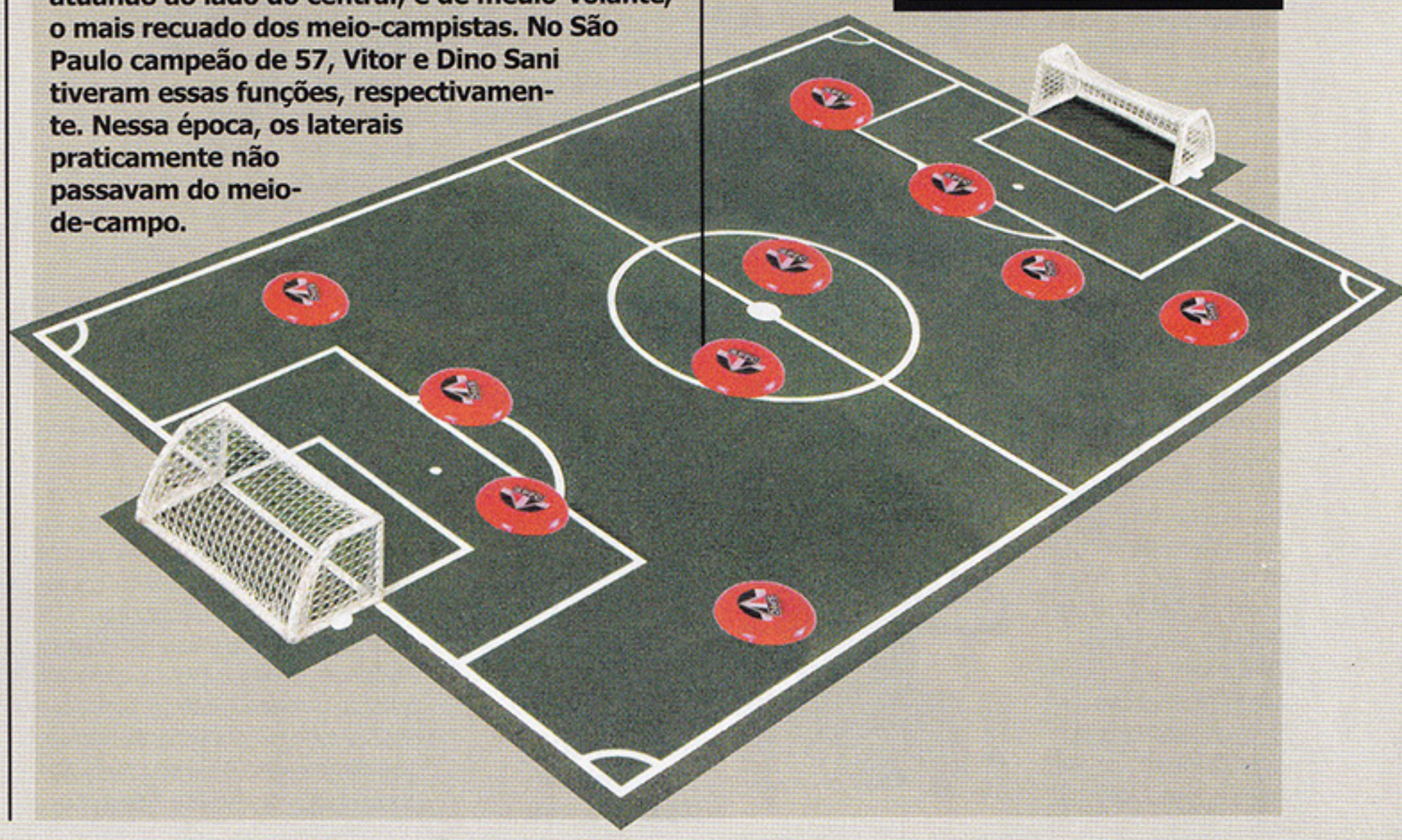
Mas os times não jogavam com um lateral-esquerdo? "Como a marcação era por zona, não havia necessidade de um sistema rígido", esclarece Rubens Minelli, técnico campeão brasileiro com o São Paulo de 1977. Se pegarmos o Tricolor campeão de 48, veremos que Savério era o lateral-direito. Já Mauro Ramos era o central. Ruy jogava à frente de Mauro e era o responsável por distribuir e dar o primeiro combate ao atacante que vinha com a bola. Bauer se adiantava mais pelo setor direito e Noronha ficava mais recuado pela esquerda, fazendo a função de lateral-esquerdo também.

Esse sistema, chamado de diagonal foi criado por Flávio Cos-

4-2-4

São Paulo Campeão Paulista de 57

Duas foram as inovações de Bella Gutman. Ele implementou as posições de quarto-zagueiro, atuando ao lado do central; e de médio-volante, o mais recuado dos meio-campistas. No São Paulo campeão de 57, Vitor e Dino Sani tiveram essas funções, respectivamente. Nessa época, os laterais praticamente não passavam do meio-de-campo.



ESTRATÉGIAS EXTRACAMPO

Além de estipular estratégias, cabe ao técnico motivar a equipe. Às vezes, a atuação de um treinador até transcende esses aspectos, como um fato que aconteceu na final do Brasileiro de 1977, em que um elemento extracampo acabou influindo também na conquista daquele campeonato pelo São Paulo.

Na semana que antecedia a grande final, visando desestabilizar os paulistas, foi lançado um boato de que o Departamento Jurídico do Galo conseguiria um efeito suspensivo para contar com o centroavante Reinaldo, que não poderia jogar. Percebendo a armação, Rubens Minelli teve uma idéia. "Conversando com Mário Juliato *(auxiliar-técnico do São Paulo na época)*, acabei armando uma contra eles. Pensei em chamar o Serginho (Chulapa), que também estava suspenso, e falar que ele iria jogar".

Com total concordância do presidente tricolor Henri Aidar, o centroavante desembarcou em Belo Horizonte na véspera do jogo decisivo. No dia do embate, indícios de que Serginho iria atuar chegavam ao vestiário dos adversários pouco antes da partida, causando um verdadeiro alvoroço. As opções de Barbatana, comandante atleticano, para o lugar de Reinaldo eram Caio Cambalhota e Joãozinho Paulista, ambos desmotivados por conta do desespero da comissão técnica do time mineiro, que apelou à diretoria para conseguir a liberação de seu matador nos momentos que antecediam a entrada das equipes em campo. "Ganhamos o campeonato ali", relembra Minelli. No fim, nenhum dos dois centroavantes terminou pisando no gramado do Mineirão.

Minelli: um dos maiores estrategistas do Brasil

ta em cima do 2-3-5 clássico, no início dos anos 40, e foi utilizado tanto por Joreca, campeão em 1943, 1945 e 1946; quanto por seu sucessor, Vicente Feola, campeão paulista em 1948 e 1949.

A INVASÃO DOS ESTRANGEIROS

Apesar de muitos historiadores afirmarem que o São Paulo de Jim Lopes jogava no famoso WM, Alfredo Ramos, excelente lateral-esquerdo da equipe campeã de 1953, ressalta que o carismático treinador argentino usava o esquema clássico. "Eu fazia parte da linha média ao lado de Bauer e Pé de Valsa. Na verdade, aquele time tinha tanta qualidade que, em qualquer sistema que jogássemos, daríamos grandes espetáculos".

Para o jornalista Paulo Vinícius Coelho (pesquisador do tema), o PVC, da ESPN Brasil e do diário *Lance!*, esse tipo de controvérsia é bastante comum. "Vai muito da observação das pessoas. E, às vezes, o que é relatado não é muito preciso. Nessas horas, o que o jogador falou é o que conta".

Quatro anos depois, o São Paulo voltaria a sagrar-se campeão com outro estrangeiro dirigindo a equipe. Nascido na Hungria, Bella Gutman chegou ao clube em 1957. Embora fosse formado em economia, sempre fez do futebol sua profissão.

Dirigindo o Tricolor, ele implementou o 4-2-4, esquema que ficou famoso ao ser usado pela seleção paraguaia de 1953, treinada por Fleitas Solich. O Paraguai foi campeão da Copa América, disputada naquele ano no Peru, atuando dessa maneira.

Ainda que o mineiro Martin Francisco reivindicasse para si a invenção daquela revolucionária forma de jogar, há quem diga que foi o próprio Gutman que a criou na década de 50, ainda em campos europeus.

Independente de quem concebeu a idéia, a verdade é que o São Paulo fez bonito jogando com os laterais De Sordi, pela direita, e Riberto, pela esquerda; Mauro Ramos, como central, e Vitor, que foi uma espécie de inovação: quarto-zagueiro.

No meio-de-campo, havia um meia mais recuado, o volante Dino Sani e o fantástico Zizinho, que armava as jogadas à frente. No ataque, Maurinho caía pela ponta-direita, o ponta-de-lança Amauri encostava no centroavante Gino Orlando e a ainda existia a genialidade do ponta-esquerda Canhoteiro.

Gutman revolucionou os treinamentos técnicos do São Paulo. "Uma das coisas de que me lembro bem são os treinamentos de chute a gol que ele nos fazia repetir insistentemente, amarrando pneus nas balizas e nos fazendo tentar acertar a bola entre eles", relembra Nilton De Sordi, um dos maiores laterais-direitos do futebol brasileiro.

REPRODUÇÃO

Oswaldo Brandão: técnico disciplinador, sucessor de Zezé Moreira

REPRODUÇÃO

Zezé Moreira: campeão paulista de 70 comandando o São Paulo

O BONACHÃO FEOLA

Vicente Feola entrou para a história como o técnico bonachão e amigo dos jogadores. Ele dirigiu o Tricolor em cinco oportunidades. Mas dedicou-se ao clube por longos 38 anos, pois também foi dirigente e administrador.

Homem de confiança de Paulo Machado de Carvalho, Feola foi o escolhido para conduzir o Brasil na Copa de 1958. Sobre as histórias criadas a respeito do treinador - entre elas, algumas que entraram para a mitologia do futebol brasileiro, como, por exemplo, a de que era tão tranqüilo que era capaz de cochilar durante os jogos -, Rubens Minelli explica: "Foi meu treinador nos juvenis do São Paulo em 1946 e posso garantir que era um excelente técnico. Era um homem extremamente calmo, que nunca elevava a voz para nenhum jogador. Nunca ficava nervoso, mas sabia o que queria dentro de campo".

O sistema adotado na Copa da Suécia foi uma variação do 4-3-3, com o ponta-esquerda Zagalo jogando recuado, auxiliando o volante Zito; e o armador Didi no meio-de-campo. Apesar da inovação na vitoriosa campanha de 1958, a década de 60 viu os dez técnicos que passaram pelo Morumbi montarem suas equipes no 4-2-4, implementado, digase de passagem, na maioria dos times brasileiros daquele momento.

A DÉCADA DE 70 E O 4-4-3

Segundo o cronista esportivo Roberto Pétri, Zezé Moreira foi um dos grandes estrategistas do futebol brasileiro. Em 1970, montou o São Paulo, campeão paulista daquele ano, num 4-3-3 que reinou no Brasil durante toda a década.

A diferença aparente entre a nova formação e o já decadente 4-2-4 foi o recuo do ponta-de-lança, que, nos anos 60, jogava colado no centroavante. Ainda com a função de servir e tabelar com o comandante de ataque, cabia ao atleta dessa posição compor o meio-de-campo ao lado do armador e do volante. Assim, dava-se mais consistência à meia-cancha. E ele ainda poderia apoiar o ataque.

Outra característica dos anos 70 é que, com os clubes despendendo atenção especial à preparação física, os laterais começaram a ter fôlego para apoiar efetivamente o ataque durante toda a partida. Coisa rara até então.

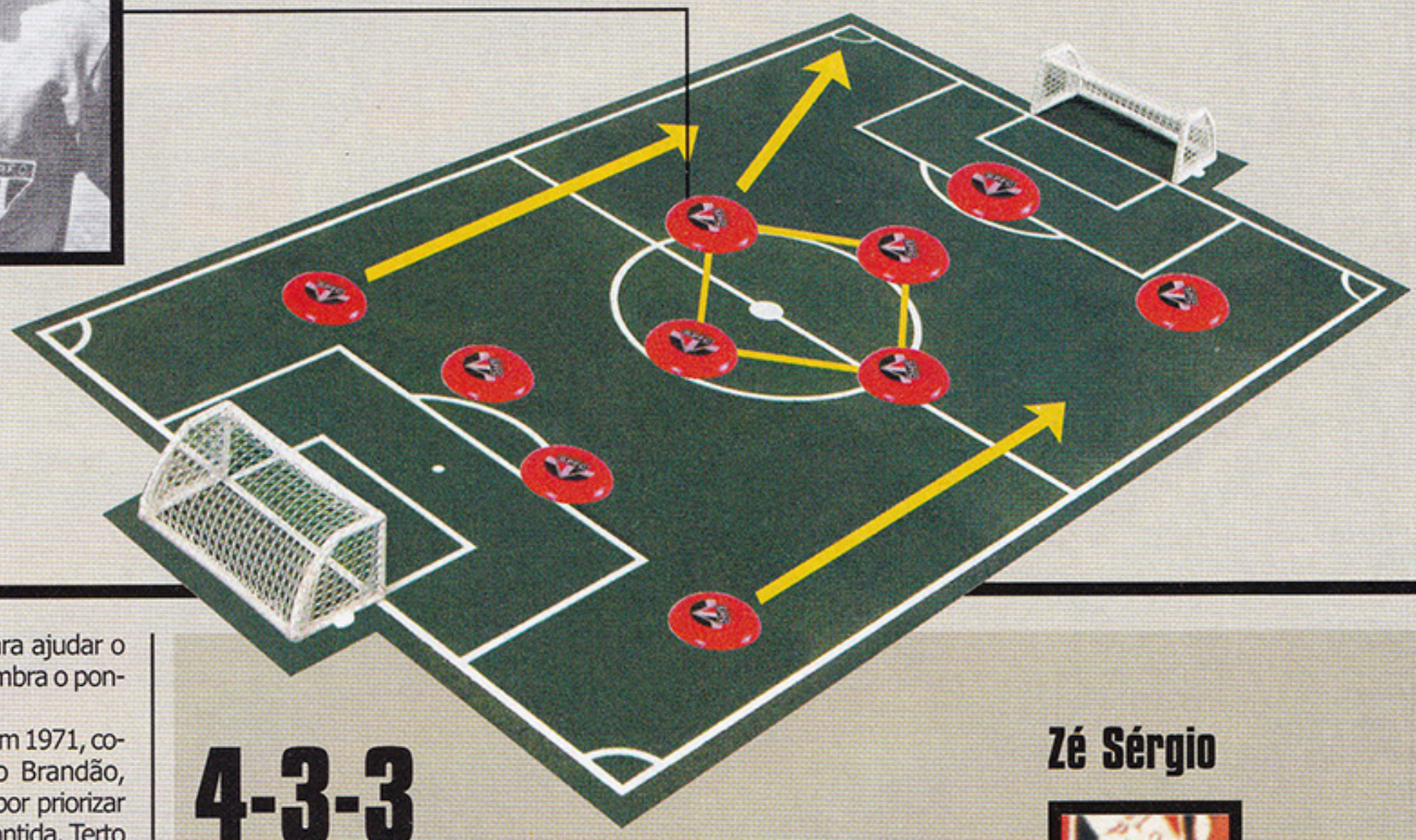
No time do baiano Zezé Moreira, que usava e abusava dos contra-ataques, os dois pontas tinham de ajudar o meio-de-campo. "Na prática, chegávamos a atuar com quatro no meio-de-campo, com o Terto e o Toninho Guerreiro enfiados no ataque. O ponta-direita Paulo Nani e

São Paulo Campeão Paulista 75

A equipe dirigida por José Poy apresentava quatro homens no meio-de-campo. Numa época em que a maioria dos times do futebol brasileiro atuava no 4-3-3, a inovação ficava por conta do posicionamento do meia Zé Carlos Serrão, que era uma espécie de falso ponta-esquerda. A partir da década de 70, tornou-se comum o apoio dos laterais ao ataque.

REPRODUÇÃO

Zé Carlos



eu nos revezávamos para ajudar o Gérson e o Edson", relembra o ponta-esquerda Paraná.
Já na equipe bicampeã em 1971, comandada por Oswaldo Brandão, além da base, a opção por priorizar os contra-ataques foi mantida. Terto passou a jogar na ponta-direita e Pedro Rocha, como terceiro homem de meio-de-campo (ponta-de-lança). No time campeão paulista de 1975, José Poy fez do meio-campista Zé Carlos um falso ponta-esquerda, formando então um quadrado no setor de meio-de-campo com o volante Chicão, o ponta-de-lança Murici e o armador Pedro Rocha, jogando na sua posição de origem.

O ESTRATEGISTA

Sempre buscando inovações, Rubens Francisco Minelli antecipou diversos conceitos que ainda hoje estão em prática. "Todas as minhas equipes sempre tiveram a participação total dos jogadores. Todos atacavam e marcavam".
Seu conceito de "futebol total" consagrou-se com o bicampeonato brasileiro (75/76) do Internacional de Porto Alegre, que foi o primeiro time daqui a tirar vantagem da lei do impedimento. Os atletas também praticavam o chamado "abafa", espécie de marcação forte que era feita sobre a defesa adversária. Em 1977, Minelli levou o São Paulo à sua primeira conquista nacional. Sobre a final daquele campeonato, o técnico relembra. "Estudei muito a maneira como o Atlético-

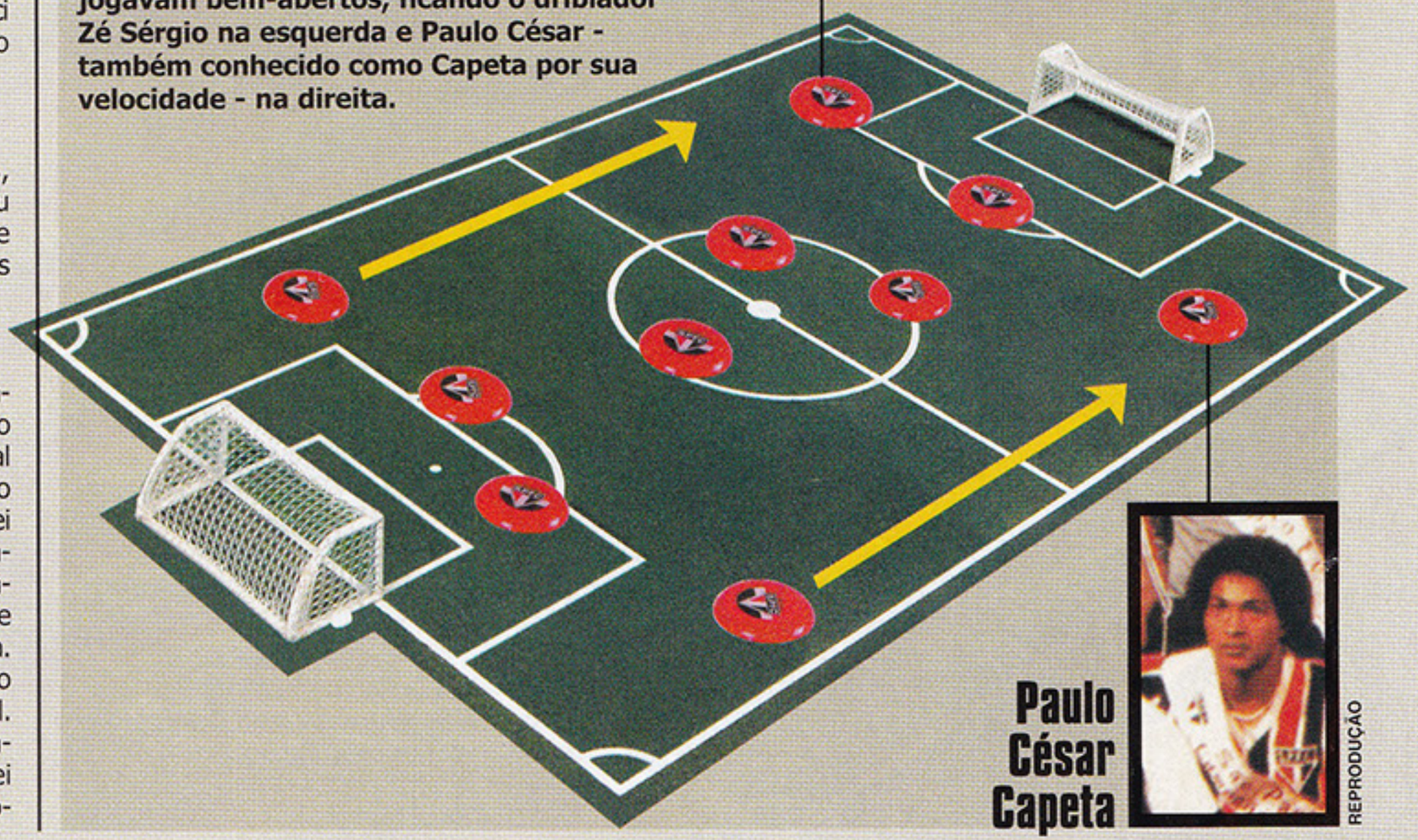
4-3-3

São Paulo Campeão Paulista de 80

Carlos Alberto Silva montou o São Paulo campeão paulista de 80 num clássico 4-3-3. Ou seja, quatro homens na defesa, três meio-campistas e três atacantes. Os pontas jogavam bem-abertos, ficando o driblador Zé Sérgio na esquerda e Paulo César - também conhecido como Capeta por sua velocidade - na direita.

Zé Sérgio

REPRODUÇÃO



Paulo César Capeta

REPRODUÇÃO

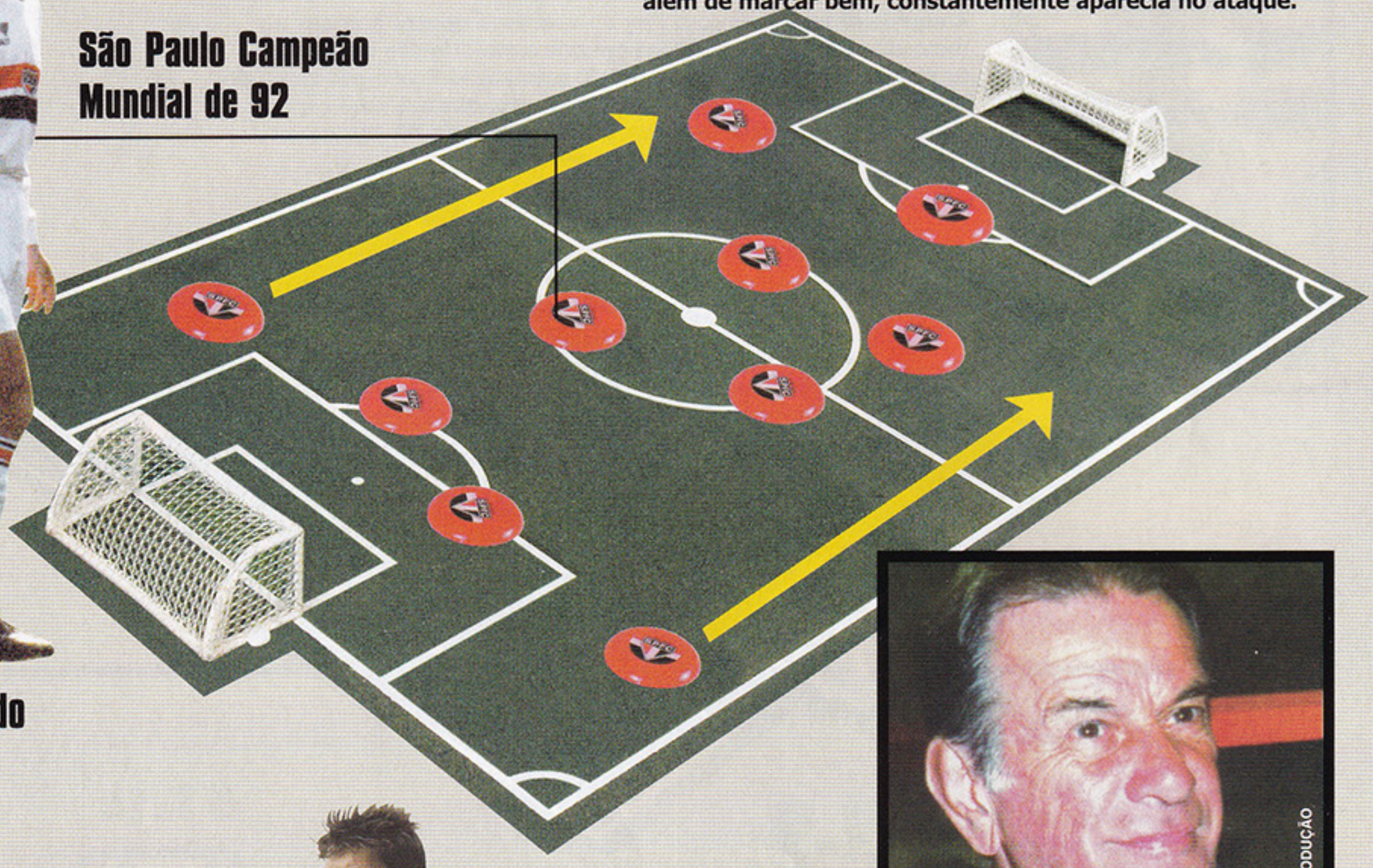
Técnicos, táticas e estratégias

4-4-2

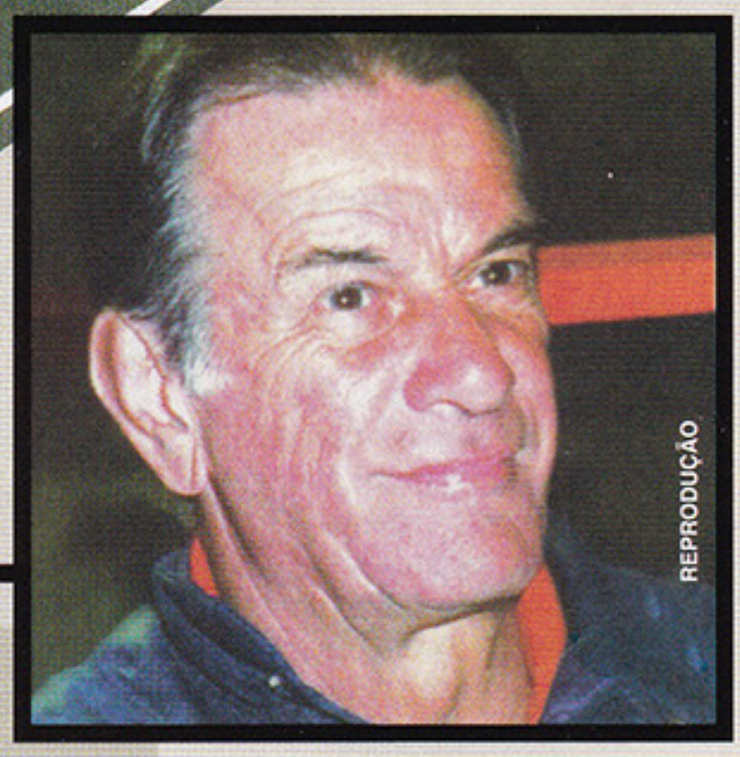
São Paulo Campeão Mundial de 92

O São Paulo de Telê Santana *(foto abaixo)* sagrou-se campeão mundial de 92 jogando com dois volantes. Um era Pintado, atleta que unia raça com um forte poder de marcação; o outro era Toninho Cerezo, que, por ser mais habilidoso, ajudava a cadenciar o jogo. Os outros dois homens que compunham o meio-de-campo eram Raí e Cafu. Este último, além de marcar bem, constantemente aparecia no ataque.

REPRODUÇÃO



Pintado

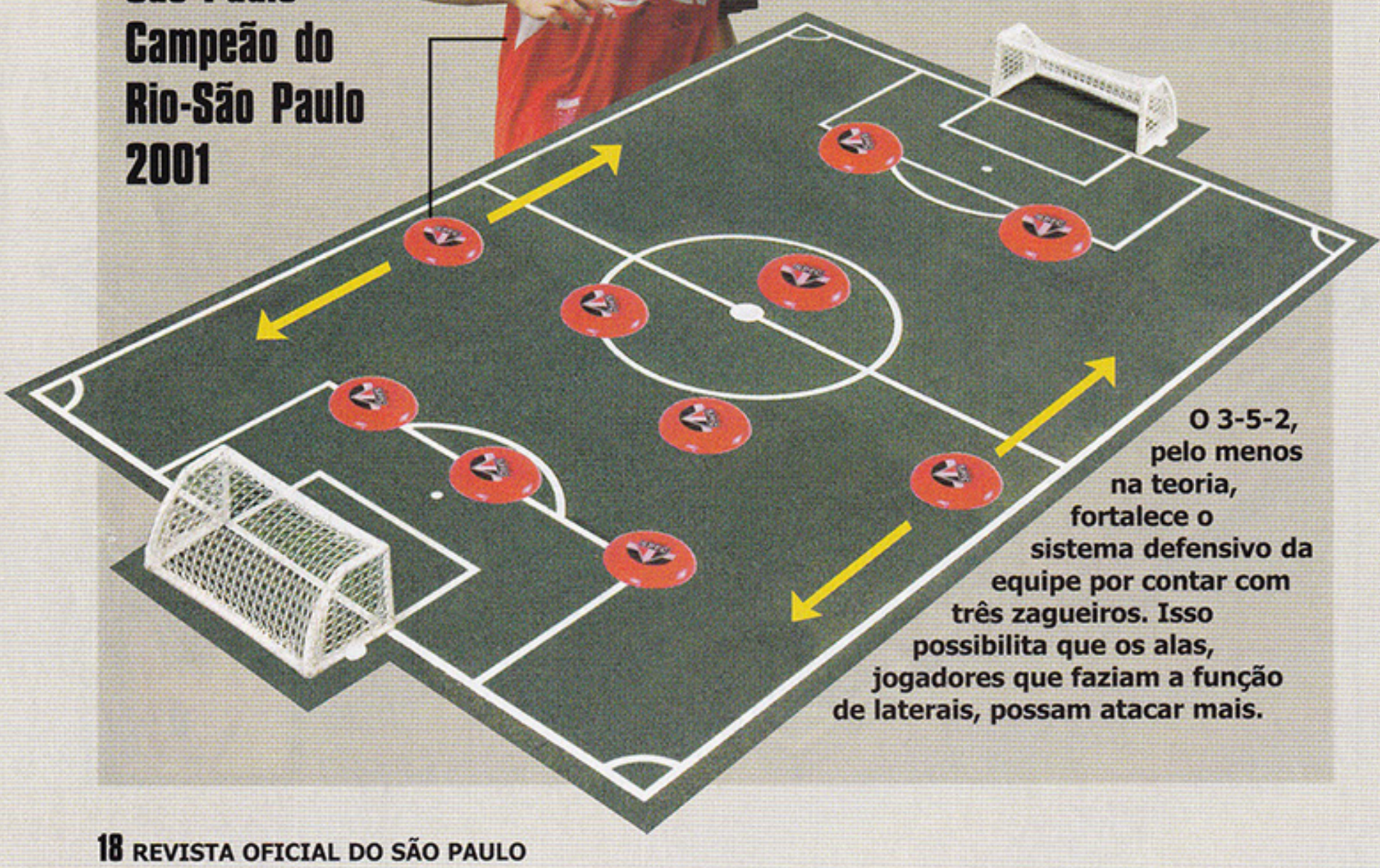


REPRODUÇÃO

3-5-2

São Paulo Campeão do Rio-São Paulo 2001

Gustavo Nery



O 3-5-2, pelo menos na teoria, fortalece o sistema defensivo da equipe por contar com três zagueiros. Isso possibilita que os alas, jogadores que faziam a função de laterais, possam atacar mais.

MG jogava. Eles só tinham uma saída de bola, que acontecia por meio de Cerezo".

Admirador de Caetano Di Domenico, que fora seu treinador na época em que jogava no Nacional, ele fez uso de uma máxima de seu ex–técnico na grande final do Brasileirão daquele ano. "Perco um soldado, mas mato um general", gostava de dizer Domenico, que foi o introdutor da história de líbero no futebol brasileiro e que, sempre quando necessário, anulava o craque da equipe adversária com uma marcação específica nele. "Acabei escalando o Viana, que era um excelente marcador, para jogar em cima do Cerezo. O goleiro João Leite, não podendo dar saída com o volante, começou a repor a bola sempre com chutões. O time deles era baixo. Então passamos a ganhar a bola no meio-de-campo".

OS MENUDOS DO MORUMBI

O Tricolor de Carlos Alberto Silva foi o campeão paulista de 1980.

O time jogava no mais clássico 4-3-3. Ou seja, quatro defensores, três jogadores no meio-de-campo e três atacantes. Os dois pontas atuavam bem abertos.

Em 1981, com Zé Sérgio machucado, o São Paulo teve, em Mário Sérgio Pontes de Paiva, um falso ponta-esquerda auxiliando o meio-de-campo e acumulando a função de meia-armador. Com Chico Formiga à frente do comando, o São Paulo conquistou seu quarto bicampeonato da história.

A seguir, com um elenco totalmente reformulado, os Menudos de Cilinho encantaram o Brasil. Grande formador de craques, Otacílio Pires de Camargo sempre foi adepto do futebol jogado para frente. Tanto é que, quando quase todas as equipes já usavam dois volantes, ele apostava apenas em Márcio Araújo para auxiliar a defesa formada por Oscar e Daryo Pereira.

Campeão paulista em 1985, o Tricolor repetiria a dose em 1987 também com Cilinho. Mas, entre um título e outro, o São Paulo montado por ele sagrou-se campeão brasileiro em 1986, mas com o comando de Pepe, ex-ponta-esquerda do Santos, que manteve o sistema.

Em 1989, de novo com Carlos Alberto Silva, o clube abocanharia seu quinto título da década. Foi a última conquista do Tricolor atuando com dois pontas autênticos, que eram o veloz Mário Tilico, na direita, e o habilidoso Edvaldo, na esquerda.

AO MESTRE COM CARINHO

Telê Santana chegou ao São Paulo com 59 anos de idade. A princípio, iria comandar a equipe apenas por três meses. Segundo *Um Fio de Esperança,* sua biografia escrita pelo jornalista André Ribeiro, o técnico resumiu seu estilo logo na apresentação, em outubro de 1990. "Disciplina é bom e eu gosto. Futebol é mais do que marcar o adversário e fazer gols. Futebol é arte". E foram quase seis anos de muita disciplina e de futebol arte, em especial de 1991 a 1994, quando o São Paulo

Cilinho: um apaixonado pelo futebol ofensivo

conquistou tudo que um clube poderia almejar.

Perfeccionista, sempre deu atenção aos fundamentos. Fazia os atletas repetirem exaustivamente diversas jogadas. Essa obsessão acabou dando resultados em pouco tempo. Inimigo do futebol defensivo e desleal, Telê utilizou-se de um 4-4-2 para ganhar o Brasileiro de 1991. Ele deslocou o lateral Cafu para o meio-de-campo, setor em que o jogador ficou ao lado dos meias Leonardo e Raí e do volante Bernardo.

Nesse esquema, o São Paulo, embora jogasse com dois volantes, continuou a dar espetáculos ao redor do mundo. O ponto culminante dessa equipe foi o bicampeonato mundial em 92/93 diante dos poderosos Barcelona e Milan, respectivamente.

Nos anos 90, foi decretada a extinção total dos pontas. O trabalho deles passou a ser exercido pelos laterais, que, mais do que nunca, passaram a apoiar o ataque de maneira efetiva.

De acordo com as novas responsabilidades exercidas pelos homens de ataque, os "pontas" e os" centroavantes" deram lugar aos "atacantes". Hoje, não é raro dois atletas dessa posição, com características dos antigos centroavantes, atuarem lado a lado.

Em 1998, jogando ainda no 4-4-2, o São Paulo, conduzido por Nelsinho Batista, levou para casa o Paulistão - o time derrotou o Corinthians por 3 a 1 na final. Esse esquema foi adotado por Levir Culpi, que dirigiu os tricolores campeões paulistas de 2000.

Em 2001, a equipe são-paulina, dessa vez utilizando o 3-5-2 - três zagueiros, cinco meio-campistas, sendo dois alas; e dois atacantes -, conquistou seu primeiro título no Rio-São Paulo. O treinador era Vadão. Mas, dois anos antes, Paulo César Carpegiani já havia testado o esquema no time.

Agradecimentos
Rubens Minelli

GLOSSÁRIO

ALAS - No esquema 3-5-2, são os jogadores que atuam mais pelas laterais do campo. No São Paulo do técnico Vadão, campeão do Rio-São Paulo de 2001, os alas foram Belletti, pela direita, e Gustavo Nery, pela esquerda.

APOIADORES – Os antigos meias ofensivos do sistema clássico. Exemplos: Sastre, pela direita; e Remo, pela esquerda.

ARMADOR - É o cérebro da equipe. No São Paulo, joga com a camisa 10. Ele é o responsável, teoricamente, pelo ritmo do time, a criação das jogadas ofensivas. Exemplos: Zizinho, Gérson, Pedro Rocha, Pita, Raí e Ricardinho. Na gíria dos boleiros, é conhecido como "armandinho".

CENTROAVANTE - O antigo centerforward é o jogador que fica mais próximo do gol adversário. Ele espera a bola chegar para tentar balançar as redes. Há tempos, a figura do centroavante foi substituída pelo atacante. Exemplos: Serginho, Gino, Careca e Luís Fabiano.

CENTROMÉDIO - Na antiga linha média, era o atleta que se posicionava mais ao centro.

LATERAIS - Conhecidos também como backs e halfs, são jogadores que protegem as laterais do sistema defensivo de uma equipe. A partir dos anos 70, a função passou a incluir o apoio ao ataque. São exemplos de laterais Alfredo Ramos e Noronha, pela esquerda; e De Sordi, Forlan e Cafu, pela direita.

LÍBERO - O jogador que atua atrás da linha de zagueiros.

LINHA MÉDIA - No sistema clássico, era o trio de jogadores que atuava à frente do lateral-direito e do zagueiro-central. A mais famosa do Tricolor foi formada Rui, Bauer e Noronha.

MARCAÇÃO HOMEM A HOMEM - Marcar individualmente o adversário.

MARCAÇÃO POR ZONA - Marcar o adversário por espaços delimitados do campo. Isso favorece a cobertura dos companheiros.

PONTA-DE-LANÇA - É o jogador de meio-de-campo com características mais ofensivas. Ele carrega a bola ao ataque para encostar no atacante. Também é conhecido como o terceiro homem de meio-de-campo. Muricy Ramalho, Renato, Juninho e Kaká são exemplos de ponta-de-lança.

PONTAS - Jogador que, usando da habilidade ou da velocidade, atacavam pelas extremidades do campo. Exemplos: Maurinho e Mário Tilico foram pontas-direitas; Zé Sérgio e Canhoteiro, pontas-esquerdas.

QUARTO-ZAGUEIRO - Surgiu na década de 50, com o esquema 4-2-4. Ele joga ao lado ou um pouco à frente do zagueiro-central. Exemplos: Daryo Pereira, Roberto Dias e Válber.

VOLANTE - Conhecido também como cabeça-de-área. Trata-se do mais defensivo dos jogadores que atuam no meio-de-campo. Sua função é auxiliar a zaga na marcação. Ainda assim, alguns que passaram pelo São Paulo dispunham de tanta técnica que acabavam ajudando na armação de jogadas ofensivas. Exemplos: Falcão, Cerezo e Dino Sani.

ZAGUEIRO-CENTRAL - É o ultimo jogador a dar combate ao atacante adversário, protegendo o gol. Junto com o goleiro, foi a única posição que nunca sofreu alterações de posicionamento durante a história do futebol.

O artista da bola

Noronha tornou-se conhecido nos anos 40, quando, ao lado de Rui e Bauer, formou a linha média mais famosa do Tricolor e do futebol brasileiro

Por Fernando Savaglia

O ex-craque tricolor Noronha nos deixou no dia 27 de julho aos 84 anos de idade. Ele faleceu de insuficiência cardíaca em São Paulo. Dono de um estilo vistoso e elegante, o atleta fez parte da famosa linha média são-paulina da década de 40 ao lado de Rui e Bauer.

Nascido no Rio Grande do Sul em 25 de setembro de 1918, Alfredo Eduardo Noronha iniciou carreira no Grêmio de Porto Alegre, onde chamou atenção por seu jogo refinado, atuando como centromédio.

Em 1942, transferiu-se para o Clube de Regatas Vasco da Gama. Lá, permaneceu por apenas seis meses. "Ainda bem que vim para São Paulo logo. Não agüentava o calor do Rio", declarou Noronha certa vez, referindo-se à sua rápida passagem pelo futebol carioca. Em 19 de julho daquele ano, o atleta estreou com a camisa são-paulina num empate por 2 a 2 contra o antigo SPR, atual Nacional, clube paulista que está na terceira divisão.

Centromédio de origem, foi deslocado pelo técnico Joreca para o setor esquerdo do meio-de-campo, pois, além de ser canhoto, o clube havia contratado outro centromédio, Zarzur, também do Vasco da Gama.

Mas Noronha não reclamou. Ao contrário. Até chegou a declarar que gostou da situação. "Ele *(Décio Pacheco Pedroso, presidente do São Paulo na época)* veio perguntar-me se eu ficaria chateado. Disse que não tinha nada contra. O Zarzur chegou e eu fui deslocado para a lateral-esquerda, onde acabei me destacando mais".

A verdade é que ele adaptou-se fantasticamente à nova posição. Mais do que isso. Com Zezé Procópio e o próprio Zarzur, formou a linha média campeã paulista de 1943.

Na vitoriosa campanha de 1945, já jogavam com ele Ruy Campos, que ficou conhecido apenas como Rui, contratado do Fluminense; e José Carlos Bauer, oriundo das categorias de base do próprio São Paulo. Juntos, entraram para a história do futebol brasileiro como a mais eficiente linha média de todos os tempos, em virtude da categoria com que tratavam a bola. "Nos entrosamos tanto que os jornalistas da época diziam que jogávamos por música", relembrou o craque em uma de suas últimas entrevistas.

Além da grande categoria com que saía jogando, Noronha, apelidado de "cobrinha" graças à sua maneira peculiar de bater os arremessos laterais, era capaz de fazer desarmes precisos e raramente cometia faltas. Outra de suas características mais marcantes era a impulsão. Ela foi responsável pela maioria dos 14 gols que marcou no São Paulo, feito notável por conta da posição e da época em que jogou.

Noronha *(em pé, primeiro à dir.)*: futebol elegante

NA SELEÇÃO

Em 1949, Noronha, Bauer, Rui e Mauro Ramos de Oliveira foram os atletas são-paulinos convocados pela seleção brasileira para a disputa do Campeonato Sul-Americano, que ocorreu no Brasil. Ao final da campanha, foram sete vitórias e uma derrota. O lateral-esquerdo tricolor só não atuou na partida em que o Brasil perdeu para o Paraguai por 2 a 1.

Com a vitória sobre o selecionado nacional, os paraguaios provocaram um jogo extra para desempatar a competição. Afinal, tinha feito uma campanha idêntica à dos brasileiros, igualando-se no número de pontos. A grande final, disputada em São Januário em 11 de maio, teve uma vitória arrasadora do Brasil por 7 a 0. Naquele dia, a seleção brasileira jogou com Barbosa; Augusto e Mauro; Ely, Danilo Alvim e Noronha; Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Simão. O centroavante Ademir balançou as redes do estádio carioca três vezes. Completando o placar, Tesourinha e Jair fizeram dois cada um.

Já na Copa do Mundo de 1950, ocorrida no Brasil, Noronha atuou apenas em uma partida,

justamente na única jogada em São Paulo. Sempre que comandava a seleção na capital paulista, o técnico Flávio Costa optava por escalar mais atletas dos clubes do Estado.

Essa medida visava ganhar a simpatia da torcida e aplacar a fúria da crônica esportiva local que questionava a qualidade técnica de alguns nomes cariocas sempre presentes às convocações do treinador, que também era carioca.

Como já havia feito no Campeonato Sul-Americano, o treinador pôs em campo a lendária linha média do Tricolor apenas no empate por 2 a 2 contra a Suíça, no Pacaembu em 28 de junho.

Nos outros confrontos, Noronha foi substituído por Bigode, do Vasco da Gama. Mas, segundo jornalistas da época, esse atleta apresentava um futebol infinitamente inferior ao do craque são-paulino. Em 1951, Noronha deixou o Tricolor. Ele foi defender a Portuguesa de Desportos, clube pelo qual se sagraria campeão do Torneio Rio-São Paulo de 1952. Pendurou as chuteiras no extinto Ipiranga, também de São Paulo, enveredando pela carreira de técnico logo em seguida.

Impossível dimensionar em palavras a qualidade de seu jogo e da sua contribuição para a consolidação da grandeza do então jovem São Paulo Futebol Clube numa época em que Corinthians e Palmeiras eram as duas grandes equipes do futebol paulista. Com sua elegância e personalidade, Alfredo Eduardo Noronha dominou o setor esquerdo do chamado Rolo Compressor, apelido dado ao esquadrão tricolor em meados de 40. O futebol brasileiro perdeu um verdadeiro artista da bola, que ficou conhecido simplesmente como Noronha.

Alfredo Eduardo NORONHA

Nascimento: 25/09/18
Local: Porto Alegre, RS
Data de entrada no clube: 10/07/42
Data de saída: 17/10/51
Jogos disputados pelo SPFC: 309
Gols marcados pelo SPFC: 14
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Paulista de 43/45/46/48/49
Títulos conquistados na seleção: Campeão Sul-Americano de 49 e Vice-campeão mundial de 1950
Outros clubes: Grêmio, Vasco da Gama, Portuguesa e Ipiranga

NA COPA DE 1950, NORONHA ATUOU APENAS NESTA PARTIDA

Brasil 2 x 2 Suíça

BRASIL
Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Rui e **NORONHA**; Alfredo II, Maneca, Baltazar, Ademir e Friaça
SUÍÇA
Stuber; Neury e Bocquet; Lusenti, Egginemann e Quinche; Tamini, Bickel, Friedlander, Bader e Fatton

Gols: Alfredo II aos 2min, Fatton aos 16min e Baltazar aos 31min do primeiro tempo; Fatton 43min do segundo tempo • **Juiz:** Ramón Azón (Espanha) • **Data:**28/06/50 • **Local:** Paulo Machado de Carvalho, Estádio do Pacaembu, São Paulo (SP)

TORNEIO SUL-AMERICANO DE 1949

03/04/49 Brasil 9 x 1 Equador
10/04/49 Brasil 10 x 1 Bolívia
13/04/49 Brasil 2 X 1 Chile
17/04/49 Brasil 5 X 0 Colômbia
24/04/49 Brasil 7 X 1 Peru
30/04/49 Brasil 5 X 1 Uruguai
08/05/49 Brasil 1 X 2 Paraguai

JOGO EXTRA

Brasil 7 x 0 Paraguai

BRASIL
Barbosa; Augusto e Mauro; Ely, Danilo Alvim e **NORONHA**; Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Simão
PARAGUAI
García; Alberto González e Céspedes; Gavilán, Nardelli e Cantero; Fernández (Barrios), López Fretes (Romero), Arce, Benítez e Vázquez

Gols: Ademir aos 17min, Ademir aos 27min e Tesourinha aos 43min do primeiro tempo; Ademir aos 3min, Tesourinha aos 25min, Jair aos 27min e Jair 44min do segundo tempo • **Juiz**: Cyril Jack Barrick (Inglaterra) • **Data:** 11/05/49 • **Local:** São Januário (Rio de Janeiro)

"Nos entrosamos tanto que os jornalistas da época diziam que jogávamos por música"

Sobre jogar ao lado de Bauer e Rui

FOTOS REPRODUÇÃO

Cinderela boa de bola

Uma semana depois de participar do jogo em prol da campanha Natal dos Sonhos, Ana Hickmann revelou que é são-paulina de carteirinha

Por Carlos Mesquita e Ana Carolina Couttinho • Fotos Carlos Piratininga

A história dessa gaúcha certamente renderia um roteiro a um estúdio de Hollywood. De origem humilde, não imaginava que voaria tão alto no concorrido mundo da moda.

Ana Lúcia Hickmann cresceu no campo. Sua infância não foi fácil. Na pequena cidade de Santa Cruz do Sul, interior de seu Estado, começou a trabalhar cedo. Quando não estava na escola, ajudava a avó. Apesar das dificuldades, Ana se recorda com carinho desse período. "Minha infância foi bastante humilde, mas posso afirmar que não a trocaria por nada".

Na adolescência, chegou a participar de concursos de beleza a pedido de colegas da escola, que a incentivaram a fazer book. Ela, porém, não acolhia a idéia com entusiasmo.

Depois de concluir um curso de modelo e manequim, veio a São Paulo acompanhando uma amiga. A visita de uma semana era para que as meninas conhecessem de perto uma agência. Mas, na realidade, Ana estava interessada apenas em cruzar as fronteiras do Rio Grande do Sul, fato inédito em sua vida até aquele momento.

Essa excursão trazia 30 garotas, das quais apenas uma seria escolhida para ingressar no mercado. Quando a turma se dirigia a uma festa, o organizador do evento resolveu comunicar quem delas não retornaria com a caravana. Ironicamente, a candidata que não tinha a menor pretensão de seguir como modelo profissional foi a felizarda. No momento, a ficha de Ana Hickmann não caiu. Somente no dia seguinte é que, mais calma, refletiria sobre a situação.

Se não pensava em abraçar a carreira, pelo menos queria morar sozinha, trabalhar e estudar. Estava ali sua oportunidade de fazer tudo isso. Resolveu, então, encarar o desafio. E começar a despontar para o sucesso naquele momento.

Pouco tempo depois de estrear nos gramados em partida beneficente - ocorrida no último dia 2 de agosto -, Ana Hickmann falou da emoção de jogar no Morumbi lotado, da satisfação de poder ajudar as crianças a realizarem um desejo e de seu sucesso, além de explicar como se tornou são-paulina.

Book: quando adolescente, não gostava da idéia

De que maneira uma gaúcha torna-se são-paulina?
Quando era mais nova, participei do futebol por causa de meu pai. Ele era jogador e foi técnico do time da minha cidade. No sul, como tradição, ou o torcedor é gremista ou colorado. Por influência de meu pai e, no embalo da família, sempre torci para o Grêmio. Moro aqui há sete anos. E, desde de 2002, fiquei conhecendo mais de perto o time do São Paulo e a maneira como eles trabalham, por estarem participando da campanha Natal dos Sonhos. Daí, veio o carinho todo. Hoje, posso dizer que sou são-paulina.

Deu aquele frio na barriga antes da partida do Morumbi pela campanha Natal dos Sonhos?
Deu. Pois o campo era muito grande. E o evento se passou uma hora antes de um jogo importante entre São Paulo e Internacional. A arquibancada estava começando a encher. Mas havia um outro time só de meninas também que nos dava um pouco mais de segurança. A equipe se uniu antes de entrar. Foi combinado que não poderíamos ter vergonha nem fazer feio. Foi bem bacana. Mas tenho certeza de que o público devia estar pensando: "O que é isso? Só pode ser uma grande pelada!". Não estávamos ali para mostrar futebol. Isso aconteceria depois de nosso jogo. Estávamos em campo por causa da arrecadação de brinquedos para as crianças. Estamos fazendo essa campanha desde o ano passado. Sou realmente são-paulina de carteirinha. Fiquei chateada nesse dia, porque o São Paulo perdeu do Internacional. Mas futebol é assim mesmo: um dia se ganha, outro se perde e bola para frente!

Para você, o que significa participar da campanha Natal dos Sonhos?
É motivo de orgulho essa campanha ter crescido tão rapidamente. Depois, vem a realização pessoal e profissional. É muito bom fazer algo para as crianças. Elas sempre sonham e esperam dos pais ou do Papai Noel ganhar algum brinquedo no Natal. Então, por poder ajudar a realizar esse sonho, acho muito importante participar.

Como sua família reagiu quando você estourou?
Meus pais sempre estiveram do meu lado. Já meus tios falavam que

MAS EU ME MORDO DE CIÚME

Ana Hickmann é casada há cinco anos com Alexandre Corrêa. Ela o conheceu no mundo da moda assim que chegou a São Paulo. No começo, os dois apenas eram bons amigos. Ele a ajudava a cuidar da contabilidade, além de dar alguns conselhos. Com o passar do tempo, a relação foi ficando cada vez mais forte. Hoje, casados, por conta da agenda profissional, ficam sem se ver até 40 dias. "Mas nos falamos, por dia, umas dez vezes por telefone. Ao mesmo tempo, estamos distantes e próximos", garante.Quanto ao ciúme que sua bem-sucedida carreira poderia gerar, Ana afirma que o maridão não deixa transparecer. "Ele nunca veio brigar comigo por isso. Eu, sim, é que tenho ciúme dele e pego no pé", confessa.

Infância humilde: mas cheia de boas recordações

ANA Lúcia HICKMANN
Nascimento: 01/03/81
Local: Santa Cruz do Sul, RS
Signo: peixes
Altura: 1,80m
Quadril: 91
Cintura: 61
Busto: 90

QUASE DEU GUINESS

Além da beleza, um de seus referenciais fica por conta do tamanho de suas pernas. Mas sempre se ouvem várias versões em torno da medida exata. A REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO esclareceu definitivamente essa questão. A moça tem 1,20m, o que quase a levou a fazer parte do *Guinnes Book*, o livro dos recordes. Ana Hickmann só não entrou para lista porque existe uma outra modelo, esposa do jogador Zinedine Zidane, da França, que a passou por alguns centímetros. "Infelizmente, não pude entrar no *Guinnes Book*. Acabei ficando em segundo lugar. Perdi para uma russa casada com um jogador francês de futebol, que tem 1,22m de perna".

era uma menina de 15 anos morando na cidade grande. Sem contar que era para ser modelo. Na época, era um profissão malfalada. A pessoa era dançarina e modelo, atriz e modelo ou qualquer outra coisa e modelo. Para o pessoal da cidade pequena, era bem difícil de aceitar. Mais tarde, em contato com meu trabalho - quando, por exemplo, comecei a sair em capa de revistas -, a situação se inverteu. Hoje, quando volto para casa, é uma festa toda vez.

A sua infância foi dura?

A minha infância foi dura. Não tive acesso às mesmas coisas que a criança da classe média, geralmente, tem. Durante os primeiros anos de vida, morei com meus avós. Chegamos a nos mudar para cidades como Porto Alegre. Mas acabamos voltando para Santa Cruz do Sul. Meus pais sempre tentaram dar o melhor deles. Seguidas vezes, vi meu pai sair de casa cedo e voltar tarde ou até passar dias fora para conseguir trabalhar. Lembro que minha bisavó nos presenteou com uma galinha da Caixa Econômica para servir de cofrinho. Quando meu avô e meu bisavô iam em casa, eles nos davam moedas. Um dia, minha mãe teve de usá-las para comprar leite e pão. Está aí um dos motivos de eu querer tanto participar da campanha do Natal dos Sonhos.

Chegou a trabalhar na roça?

A mídia sempre gosta de aumentar os fatos. Mas é verdade que cresci na roça. Quando não estava na escola, ficava na casa de minha avó. Lá, no início, apanhávamos os ovos das galinhas; no verão, colhíamos bergamotas *(mexericas)*, morangos e laranjas. Quando precisamos realmente ajudar, tínhamos que colocar os bois na carroça e cortar o pasto com a foice. Mas não era tarefa diária nem obrigação. Também ajudava na faxina e a cuidar dos meus irmãos, pois era a irmã mais velha. Não tinha a menor idéia deste rumo que minha vida tomaria. Me lembro de eu estar de botas, suja de barro e arranhada de pasto. Nunca imaginei ir a Paris ou a Milão, com três passaportes carimbados, e andar de salto alto. Aliás, meu primeiro salto alto, usei com 13 anos e meu pai indagou: "Aonde pensa que vai com esse sapato?"

Em que circunstâncias se deu sua primeira vinda a São Paulo?

Em Porto Alegre, havia curso para modelo. Acabei participando por insistência dos amigos da escola e de casa. Participei também de concursos de Miss e ganhei algumas faixas. Tinha um cara do curso de modelo que vinha todo ano e ficava pentelhando as minhas amigas, que amavam aquilo e já tinham book e tudo. Elas me diziam para fazer também. A resposta sempre foi que não tinha dinheiro e não podia. Mas não tinha a menor vontade de fazer. Eu dizia que nunca faria aquilo porque era uma coisa bem jeca, muito cafona. No final do curso, houve uma viagem a São Paulo. Era para conhecer uma agência daqui. Então uma amiga pediu que a acompanhasse, pois não viria sozinha. Depois de recebermos a autorização de nossos pais, demos um jeito de arrumar o dinheiro da passagem. Cheguei aqui para passar uma semana. Éramos 30 meninas. Não tinha a intenção de ser modelo. Estava de tênis, calças jeans, camiseta largada até o joelho, nuca raspada e cabelo comprido até a cintura. Parecia um moleque. No terceiro dia, quando estávamos indo a uma festa à noite, o cara que organizou nossa vinda disse que não agüentava e iria logo dizer quem havia sido a menina escolhida. Todas as garotas estavam ansiosas para saber quem era. Então ele anunciou: "É a Ana Lúcia". Nesse momento, me bateu um gelo tão grande na espinha. Todas as meninas ficaram mudas e o pensamento deveria ser: "Como justamente ela, que não queria, não sabe nada e não queria fazer nada, vai ficar?". Na hora, pensei que estavam todos loucos. Mas, refletindo um pouco mais no dia seguinte, imaginei que poderia morar sozinha e ganhar dinheiro. Achei que poderia ficar. Afinal, sempre tive vontade de morar fora de casa e trabalhar.

Como é sua rotina hoje?

Eu bem que gostaria de ter uma *(risos)!* Semanalmente, faço de duas a três sessões de aeróbica. Quanto à alimentação, sou contra aquela história de só comer alface. Vejo meninas bem magras, com um corpo bom para trabalhar, fazendo dietas obsessivas. Uma coisa é

CARLOS PIRATININGA

Música • *Techno*

Filme • ***O Gladiador*, de Ridley Scott**

Livro • *Dez Amores*, de Malcolm Montgomery

Teatro • ***Cabaret* (Broadway - Nova York/EUA)**

Ator • Mel Gibson

Atriz • **Fernanda Montenegro**

Cantora • Jennifer Lopez

SEU ESTILO • **FELIZ**

Outro estilo • *Hippie*

Homem perfeito • **Aquele com quem me casei**

Mulher • Mãe

Bebida • **Champanhe ou vinho tinto**

Defeito • Falar de mais

Amigos • **Poucos, mas verdadeiros**

Dia ou noite? • Noite

Passarela ou ensaio? • **Passarela**

Moda • Seu estilo

BRASIL • **MINHA CASA**

Exterior • Um lugar de trabalho

Rio Grande do Sul • **As raízes**

Felicidade • Ser eu mesma

ORGULHO • **SER BRASILEIRA**

Família • A coisa mais importante

Sonho • **Um Brasil melhor**

ser magra e bonita. Outra é ser magra e doente. Tudo que é exagerado faz mal.

Certa vez, apareceu uma foto sua inusitada na revista *Flash*. Você era gordinha daquele jeito?

É totalmente verdade. Até meus oito anos, era bem magrela. Mais tarde, passei por uma fase de muita ansiedade. Então ficava vendo televisão e comendo o dia todo. Cheguei ao absurdo de pesar 72 quilos com 12 anos. Eu era bem gordinha. Foi nesse momento que comecei a jogar basquete quatro vezes por semana e a fazer aulas de dança. Hoje, consigo me manter sozinha. A única coisa que continuo fazendo, sempre que volto ao Brasil, é a massagem linfática. Como passo muitas horas numa mesma posição, sentada em aviões, ela melhora a minha pele, tira a celulite, as estrias e ajuda na circulação.

Ana Hickmann: troféu de solidariedade

RUBENS CHIRI

Hoje você também é empresária, não é?

Sim. Já faz quase dois anos que comecei a ir para esse lado. Trabalho com licenciamento. Iniciei como garota-propaganda de uma empresa de sapatos, no sul, chamada Vizzano. Hoje, eles me chamam de embaixadora da Vizzano. Há também uma linha de óculos de sol e de grau, que iniciei ano passado aqui no Brasil. Finalmente, fiz minha estréia este ano, no São Paulo Fashion Week, como estilista, junto com Amir Slama, da Rosa Chá, numa segunda marca chamada Sais. 40% dessa coleção foi desenhada por mim. Com isso, coloquei minha experiência - do que provei, conheci e vesti, que faz parte de meu gosto - na moda praia dele.

No ensaio, existe a orientação do estilista e do fotógrafo. O que cabe à modelo?

A modelo é o ponto final de tudo. Ela deve ser o resultado da vontade do fotógrafo, do estilista e do cliente. O fotógrafo não só coloca a luz e controla as câmeras como também dirige, dá uma peneirada nas informações e atua como diretor. Tem de passar segurança. Existe também o papel, muito forte, diga-se de passagem, do maquiador. Ele deve criar aquela imagem no rosto ou no corpo da modelo.

Você se inspirou em alguma top model quando começou?

Inspirar, não. Porque cada modelo deve ter uma coisa própria. Mas admirar, sim. Gosto muito do trabalho de Cindy Crawford, que foi uma mulher lindíssima, de uma época maravilhosa; Stephanie Seymour e Elle Mc Pherson. Elas têm uma índole incrível e levaram suas carreiras sempre com muito cuidado. Terminei conhecendo a Cindy e a Elle.

Você é muito consumista?

Já fui muito mais numa fase de terapia de gastar com o cartão de crédito. Mas não tenho mais tempo de fazer compras. De vez em quando, surge aquela coisa que não sai da cabeça. Então vou e compro como, por exemplo, bolsas e sapatos. Cheguei ao absurdo de passar de 80 pares em Nova York. Dois artigos de que me recordo bem foram uma bolsa, da Louis Vuitton; e um sapato de uma campanha que tive de batalhar para encontrar no meu tamanho: 40/41. Pé de princesa *(risos)!*

Qual é a arma mais poderosa da mulher brasileira? E a sua?

O ponto em que a brasileira mata qualquer outra é no olhar. Em qualquer parte do mundo, não tem homem que consiga resistir ao olhar de uma brasileira. Eu mesma uso muito essa arma. É meu artifício mais forte.

Quais são seus planos a curto e a longo prazo?

A curto, é a profissão de modelo e estar mais próxima da área de licenciamento. A longo, pretendo cursar uma escola de artes dramáticas. Sei que a vida de modelo não é para sempre e que o mercado vai acabar me aposentando. É mais provável começar como atriz no exterior, pois já estou morando há mais tempo fora. Já recusei muitos convites desse tipo porque achava que não era o momento. Quando chegar a hora, quero estar bem-preparada para não ser só mais uma carinha bonita de cabeça vazia.

Você é uma mulher plenamente realizada ou lhe falta algo?

Sou uma mulher realizada. Se quisesse mais, seria egoísmo de minha parte.

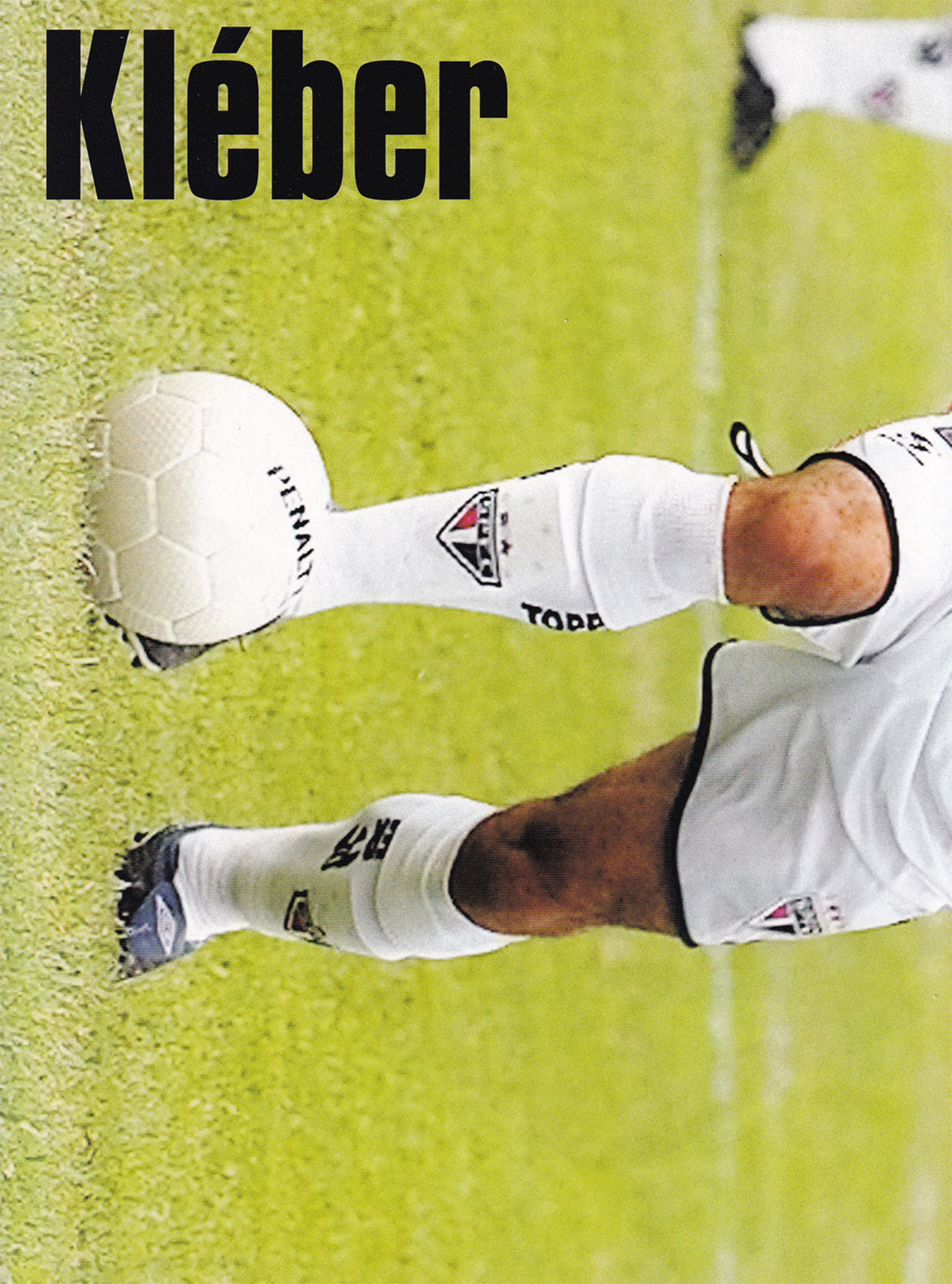
Que característica julga mais importante numa pessoa?

Sinceridade. Por mais duro que seja, poder olhar, olho no olho, e dizer o que pensa é a maior virtude de uma pessoa.

Jogadora de futebol: apenas por uma boa causa

RUBENS CHIRI

Kléber



A irreverência de Sombra

Com bom humor e opiniões contundentes, o são-paulino Sombra comanda o *Estádio 97*, programa sobre futebol que se transformou num dos maiores sucessos do rádio nos últimos tempos

O locutor em ação: certeza de boas risadas

PROGRAMA *Estádio 97*
Transmitido pela rádio Energia 97 FM, de segunda a sexta-feira, das 6 da tarde às 8:30 da noite

RAIO X
Nome: Hilton Malta Gonçalves
Apelido: Sombra
Local de nascimento: São Paulo
Idade: 33 anos
Profissão: radialista

FOTOS TATYANA ALVES

"Meu ídolo foi o Valdir Perez, o melhor goleiro foi o Zetti e ninguém vestiu a camisa do São Paulo com tanto amor quanto Rogério Ceni"

Por Fernando Savaglia

Desde fevereiro de 1999 no ar, o *Estádio 97,* transmitido pela 97 FM de segunda a sexta-feira, é um dos campeões de audiência no horário das 6 horas da tarde na cidade de São Paulo. Ao contrário de outros programas de debates esportivos que invadem a tela da TV no início das noites de domingo, o *Estádio 97* não conta com nenhum jornalista profissional.

Quem comanda as discussões é um paulistano de 33 anos, chamado Hilton Malta Gonçalves, mais conhecido pelo apelido de Sombra. Dono de opiniões contundentes e muito bom humor, ele não esconde seu amor pelo Tricolor. "Sou são-paulino fanático. Desde que eu era pequeno, meu pai, embora fosse torcedor da Lusa, me falava que o São Paulo era o melhor clube, com a diretoria mais capacitada e o maior estádio particular do mundo. Quando me dei conta, já era tricolor".

A idéia de montar um programa de futebol diferenciado, uma espécie de mesa-redonda com torcedores, surgiu em 94. Cinco anos depois, já trabalhando como produtor da emissora de rádio Energia 97, Sombra levou a idéia à direção. "O Zé Antonio, que é o dono, topou. Fomos ao ar pela primeira vez no dia 17 de fevereiro de 1999. O engraçado é que ele não suporta futebol". Além de Sombra, a atual formação conta com o palmeirense Domenico Gatto, os corintianos Mano e Benjamim Back, o santista RGº2 e com Portuga, representante da Lusa. Participam ainda os repórteres Bento e Mota.

Segundo Sombra, produtor e âncora do *Estádio 97*, a idéia era levar as discussões entre os torcedores dos corredores da rádio para o programa. Sobre o fato de o Corinthians contar com dois representantes, ao contrário do que ocorre com os outros clubes, Sombra não economiza alfinetadas. "O Mano representa mais a Fiel. Ele faz o estilo 'mano' mesmo. Já o Benjamim é aquele torcedor mais sofisticado, o corintiano que queria ser são-paulino. Tanto o Mano quanto o RGº2 e o Portuga eram torcedores que ligavam para cá que acabamos convidando para compor a equipe".

A irreverência, que é a marca registrada do *Estádio 97*, era característica também de outros programas esportivos que fizeram história na rádio brasileira, como o *Show de Rádio,* comandado pelo saudoso Estevan Sangirardi na emissora Jovem Pan. "O *Show de rádio* foi uma das coisas mais sensacionais que ouvi na minha vida. Outro dia fiquei superemocionado ao receber de um ouvinte a gravação do programa exibido após a final do Brasileirão de 77. Hoje, aquele humor talvez fosse encarado como muito ingênuo".

AS PRIMEIRAS EMOÇÕES A GENTE NUNCA ESQUECE

Quando o assunto é São Paulo, Sombra aponta como uma de suas primeiras emoções a final do Paulistão de 75, em que brilhou a estrela do goleiro Valdir Perez.

Como conseqüência disso, o arqueiro tricolor tornou-se seu primeiro grande ídolo. Outras lembranças marcantes de quando era garoto são as dos jogos que resultaram na conquista do primeiro Brasileiro em 77 e da semifinal do Paulista de 78.

Sobre o título nacional, o apresentador relembra. "Naquela época, ser campeão brasileiro era muito mais importante do que ser hoje. Aquele jogo foi inesquecível. Foi complicado. Me lembro que, no intervalo, sai para andar de bicicleta de tão nervoso que estava. Nunca vou esquecer a festa que aconteceu depois das cobranças de pênalti".

Em relação ao estadual de 78, o radialista tem boas e más recordações. "Na semifinal contra o Palmeiras, a partida já se encaminhava para o final da prorrogação em um empate por 0 a 0, resultado que classificaria o rival para a final. Eu estava muito chateado quando meu pai me falou: 'Calma, você não conhece o São Paulo? Acredite, o gol ainda vai sair'. E não deu outra. Estávamos em casa ouvindo a transmissão de Fiori Gigliotti e nunca vou me esquecer do momento do gol de Serginho Chulapa. Foi uma das maiores emoções que já senti. Chorei de alegria".

Quanto às finais contra o Santos, Sombra se diz lesado. "Até hoje, não entendo como é que permitiram, na prorrogação, que o Santos ficasse recuando a bola para o goleiro o tempo todo? Que regra cretina era aquela que permitia isso? Se aquela partida fosse jogada de verdade, o São Paulo seria o campeão. Pois conseguiu reverter todas as situações adversas, até mesmo fazendo um saldo de gols favorável nos três jogos finais".

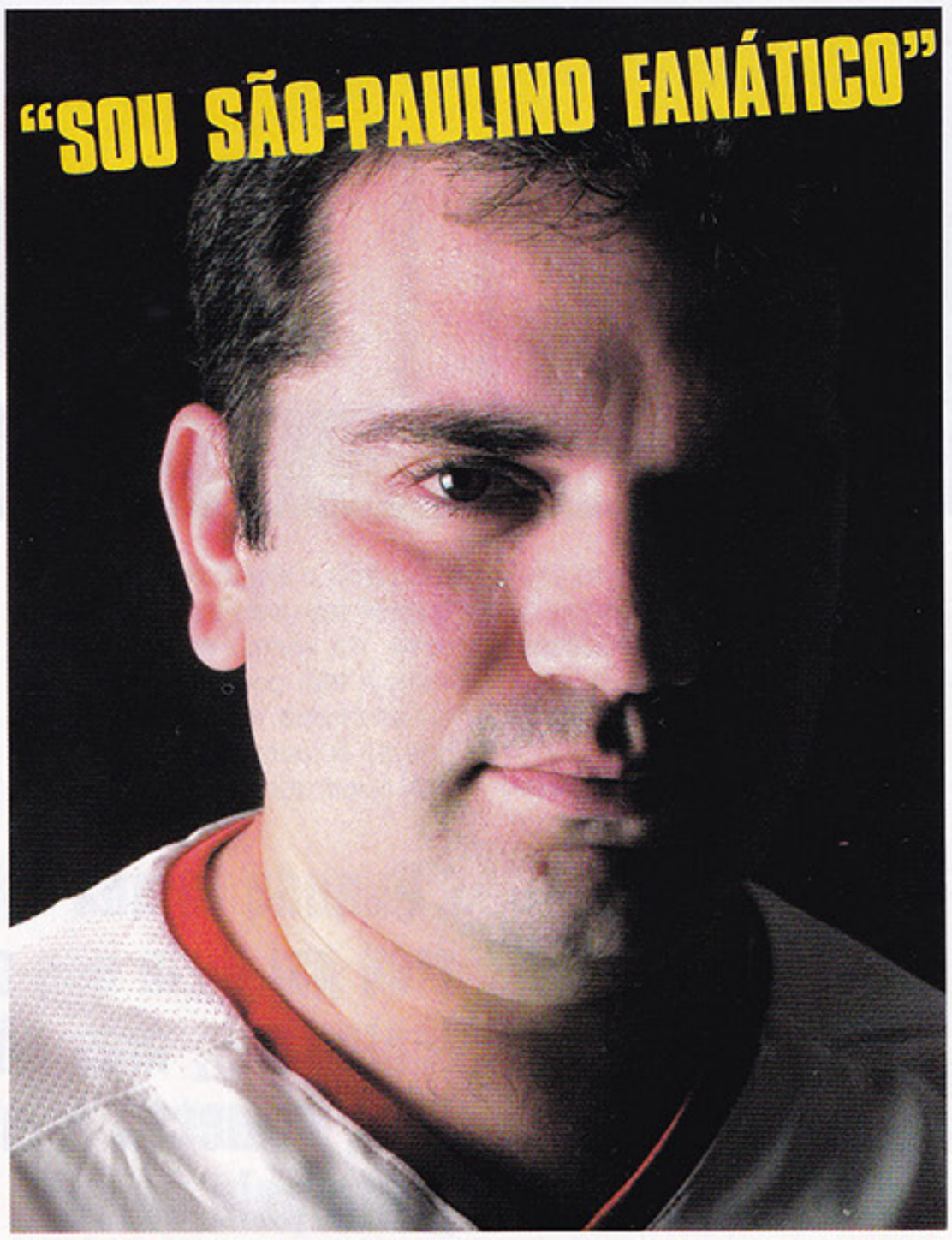
A respeito da melhor equipe tricolor que viu jogar, Sombra responde de bate-pronto. "A de 85 montada por Cilinho. Mas é lógico que a equipe do Telê foi a maior ganhadora de títulos da história do clube. Era um timaço, sem dúvida. Mas os Menudos do Cilinho tinham uma filosofia de jogo muito legal".

Sombra não só tem de cabeça o esquadrão como também sabe argumentar por que aquele era um grande time. "No gol, tínhamos o Gilmar, que, além de bom goleiro, tinha uma sorte extraordinária; Zé Teodoro foi um dos melhores laterais que vi jogar; a zaga, com Oscar e Dario Pereyra, dispensa comentários; Nelsinho, na lateral-esquerda, era dono de uma regularidade impressionante; o volante Márcio Araújo talvez fosse o único que não era um supercraque, ainda assim era supereficiente e, daí para a frente, era covardia: Pita, Silas Müller, Careca e Sidney".

Para o radialista, a seleção do São Paulo de todos os tempos seria a seguinte: "Das equipes que vi jogar, escalaria Zetti, Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Dario Pereyra e Nelsinho; Chicão, Raí - para mim, o maior jogador da história do São Paulo - e Pita - vi o Pedro Rocha muito pouco -; Müller, Serginho ou Careca - essa é minha maior dúvida - e Zé Sérgio - que, para mim, era absoluto na posição".

Quando o assunto são as conquistas mundiais, Sombra explica: "São minhas duas maiores alegrias em relação ao futebol. Elas acabaram por desvalorizar um pouco os campeonatos regionais. Para os são-paulinos, era uma 'Copa do Mundo'. Mas, para corintianos e palmeirenses, foi a pior coisa que poderia ter acontecido. Virou uma obsessão para os rivais".

Sobre o campeonato mundial de clubes da FIFA, o radialista é contundente. "Daqui a trinta anos, o corintiano vai se lembrar desse título do mesmo jeito que o palmeirense se refere ao torneio que venceu na década de 50. Não tem tradição nem história. E corre o risco de nunca mais ser disputado".



Adriano: sinônimo de segurança no meio-de-campo

FOTOS RUBENS CHIRI

Um vencedor

Por Carlos Mesquita

A nação tricolor teve a oportunidade de conhecer Adriano ainda na primeira fase do Campeonato Paulista deste ano, quando o São Paulo recebeu a Portuguesa santista, clube do jogador na época, no Estádio do Morumbi.

Seu fardo naquele episódio foi dos mais complicados. Afinal, o volante teve de marcar o craque Kaká por todos os setores do campo.

Algum tempo depois, Adriano foi contratado pelo São Paulo. Novamente, uma árdua tarefa o aguardava. Dessa vez, substituir o chileno Maldonado, ídolo da torcida que foi defender as cores do Cruzeiro, de Minas Gerais. Dentro de campo, superou as expectativas. Sua raça, sua determinação e sua seriedade conquistaram a confiança dos são-paulinos.

Hoje, Adriano é peça fundamental no esquema tático do técnico Roberto Rojas. Posicionado à frente da zaga, é uma espécie de cão de guarda. Nunca deixa os atacantes adversários avançarem. Sempre está por perto a fim de fazer desarmes que originam contra-ataques letais.

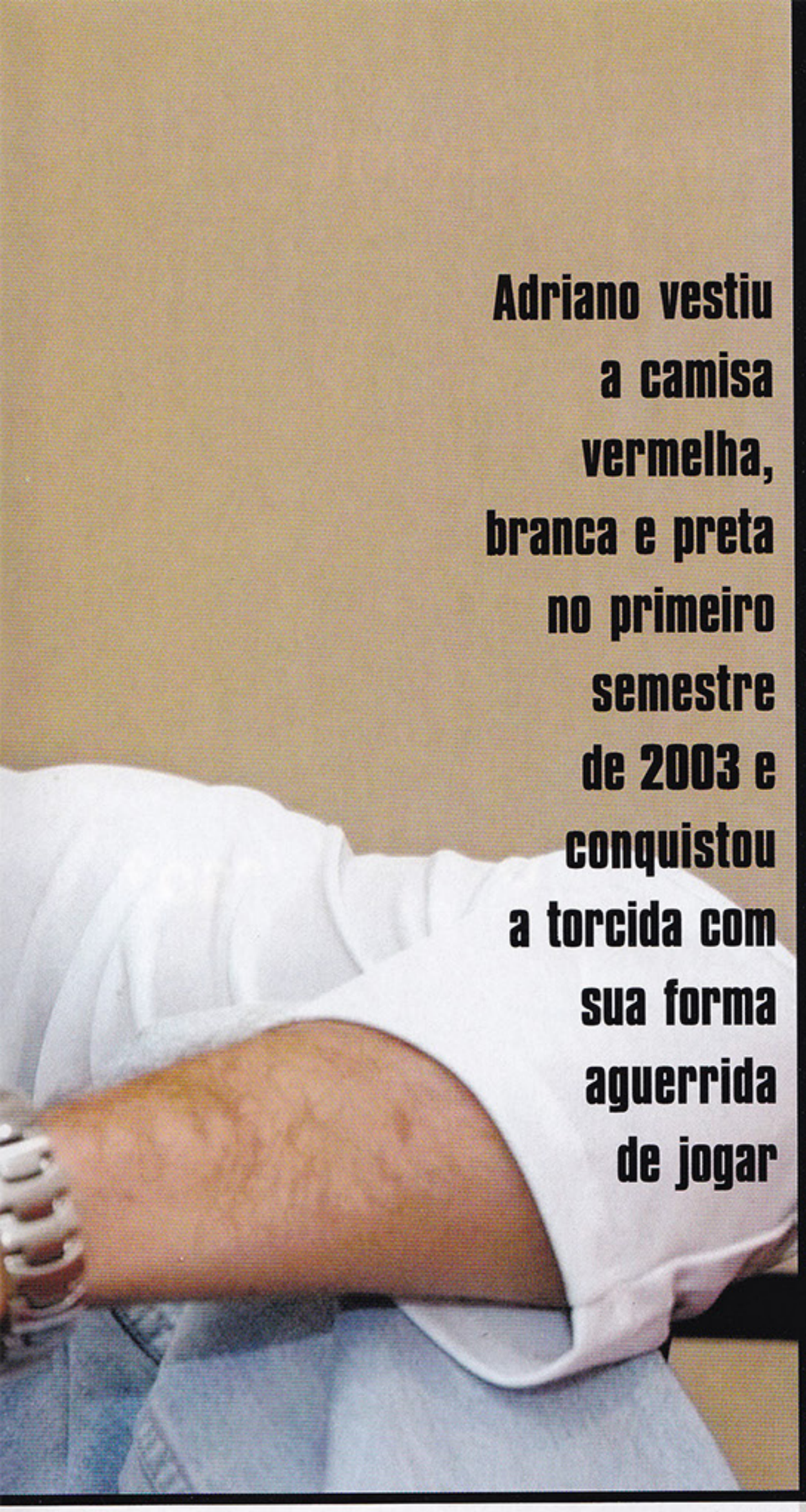
BOM MENINO

Natural de Santos, Adriano foi uma criança quieta. Ficava em casa com o irmão mais novo enquanto seus pais trabalhavam na feira. Às vezes, os dois brigavam. Nada, porém, de mais sério acontecia. O saldo era apenas um ou outro utensílio doméstico quebrado.

Adriano, sempre bom aluno, nunca foi reprovado na escola. Mas, sempre que tinha uma folga, lá estava ele batendo uma bolinha. De vez em quando, até se atrasava um pouco. "Ia jogar futebol e perdia o começo das

"Quando minha mãe estava grávida, meu pai dizia que eu seria jogador. Ele tentou ser, mas não houve como. Por isso, começou a me levar e eu peguei gosto pela coisa"

Adriano vestiu a camisa vermelha, branca e preta no primeiro semestre de 2003 e conquistou a torcida com sua forma aguerrida de jogar



BATE-BOLA

Como foi sua adaptação no São Paulo? Houve cobranças mais fortes?
Teve por parte da imprensa. Todos me deram apoio aqui. A primeira coisa que o Leco *(diretor de futebol na época de sua contratação)* falou quando assinei meu contrato foi que eu tinha de fazer no São Paulo o que estava fazendo na Portuguesa. Porque fui contratado pelo o que apresentei lá.

Como foi com a torcida?
Cheguei ao São Paulo meio de surpresa. Ninguém esperava. Todo mundo comentava do Rico e do Souza. Mas fui o primeiro a chegar. Por não cair a ficha, foi melhor. Joguei mais solto, mais tranqüilo. E todo mundo me apoiou. Deu tudo certo. Pude desenvolver meu trabalho.

Muita gente comparou seu futebol com o de Maldonado. O que pensa disso?
Ele já passou. O Maldonado fez a história dele. Foi ídolo da torcida. Agora, desde que cheguei, estou tentando fazer a minha e ser campeão pelo São Paulo, que pode me proporcionar um monte de coisa. Tenho de trabalhar para o time, porque ele pode me levar à seleção. É uma vitrine em que todo jogador gostaria de estar.

Sua maior responsabilidade é proteger a zaga?
A bola começou a chegar meio mascada lá atrás a partir do momento em que toda a equipe passou a marcar. Isso facilita para mim e para os jogadores do setor defensivo. O cara não domina de frente para nós. Às vezes, a bola chega quicando para ele. Então me antecipar é muito mais fácil. Ele vindo de frente, posso fazer uma falta e tomar um amarelo ou um vermelho. Nesse caso, o cara ainda está vendo o jogo todo. De costas, não sabe quem está atrás. Não sabe se eu vou vir pela frente, pelo lado direito ou esquerdo. Então o ataque marcando facilita para a defesa.

Quem são seus ídolos?
O Dunga foi um cara que mostrou ao Brasil inteiro a personalidade dele, a raça. Ele é um espelho para mim. Gostei muito do Falcão. Assisti a alguns jogos dele.

aulas, mas não deixava de estudar", garante. Como treinava todos os dias à tarde, não se excedia nas peladas escolares pela manhã.
No entanto, houve uma época em que sua rotina mudou. Ele passou a trabalhar na feira. "Como eu era bom de matemática, ajudava a fazer cálculo rapidinho". Nesse período, foi estudar à noite. "E foi assim até o colegial".
Sua família sempre o apoiou, principalmente seu pai, que tinha o desejo de torna-se um profissional do mundo da bola, mas que, por não ter condições financeiras, viu-se obrigado a desistir do sonho. "Quando minha mãe estava grávida, meu pai dizia que eu seria jogador. Ele tentou ser, mas não houve como. Por isso, começou a me levar e eu peguei gosto pela coisa".

O PRINCÍPIO E AS DIFICULDADES

O atleta começou na Portuguesa santista aos 8 anos. Depois, teve uma rápida passagem pelo futebol de salão. Mas logo voltou aos gramados. No time da baixada, jogou em todas as categorias até cavar seu espaço na equipe principal. Em 2002, foi transferido para o Mogi Mirim.

BRINCADEIRAS

Por conta do cabelo loiro, Adriano tem de driblar as brincadeiras dos companheiros, que a cada instante o chamam por um novo nome. A lista inclui alcunhas carinhosas como Loro José e Alemão. Ele, entretanto, afirma que não tem apelido. "Não tenho nenhum, não", faz questão de enfatizar.

RAIO X

ADRIANO Ferreira Silvestre
Nascimento: 10/06/79
Local: Santos (SP)
Signo: Gêmeos
Altura: 1,78 m
Peso: 72 quilos

TIMES PELOS QUAIS PASSOU
PORTUGUESA SANTISTA
De 1992 a 2002/2003
MOGI MIRIM - 2002

PARA FICAR DIFERENTE...

A cabeleira de Adriano é uma de suas marcas registradas. A idéia de mudar o visual nasceu quando começaram a confundi-lo com outros jogadores do meio-de-campo da Portuguesa santista, que também tinham cabelo preto. Para destacar-se dos demais, resolveu mudar a cor de suas madeixas. "Tingi de loiro para ficar diferente de todo mundo e ninguém confundir mais". O problema é que, logo depois, metade da sua ex-equipe tomou o mesmo rumo. Mas Adriano terminou gostando e mantendo o "look".

FOTOS RUBENS CHIRI

Cinéfilo: preferência por comédias

VIAGENS

O atleta gosta de viajar, mas não tem muito tempo para ir a lugares mais distantes em virtude da agenda de jogos do Tricolor. Por ora, quando tem folgas rápidas, passeia por localidades do litoral paulista como Juqueí, Boracéia e Maresias. Adriano, porém, deseja dar, em breve, umas voltas por Porto Seguro, Florianópolis, Fernando de Noronha, Natal e Cancún. "Acho que, se houver uma pausa no final do ano, quem sabe não dê uma passada por esses lugares".

"Teve uma época em que fiquei frustrado porque não via resultado. Não sabia, ao certo, se queria ser professor de educação física. Ou faria bem-feito ou não. Então decidi investir totalmente no futebol"

Mas, a pedido de Pepe, então técnico da Portuguesa santista no Paulista deste ano, retornou. Na chegada, um susto. Existiam muitos jogadores disputando vaga. "Fiquei um pouco desanimado quando cheguei, porque havia mais de 50 candidatos. Era uma peneira". Mas, de novo, Adriano convenceu.

Durante todo o tempo que se dedica ao futebol, o volante foi persistente. Certa vez, até pensou em desistir da carreira. "Teve uma época em que fiquei frustrado porque não via resultado. Não sabia, ao certo, se queria ser professor de educação física. Ou faria bem-feito ou não. Então decidi investir totalmente no futebol".

Com essa mentalidade, Adriano procurou aperfeiçoar-se naquilo em que se achava defasado. Para conseguir mais arranque, impulsão e velocidade, foi praticar musculação. A atividade era custeada com recursos de seu próprio bolso. "Fazia da minha parte mesmo, mas sempre com um profissional que estava ligado ao clube e que sabia do trabalho desenvolvido lá para casar os dois".

Perseguindo seus objetivos, sempre levou em conta uma frase de um amigo. "Você não pode desistir porque, logo na próxima curva, pode estar seu sucesso. Sempre batalhei bastante e hoje está dando certo".

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Sonho - Chegar à seleção brasileira
Bebida - Suco

FUTEBOL - MEU TRABALHO

Dinheiro - Não é tudo, mas é bom ter
Mulher - É bom ter uma namorada
Homem - Meu irmão
Lugar mais bonito que conheceu - Grécia
Jogar na Europa - Um objetivo mais para a frente
Tristeza - Morte de algum parente

FELICIDADE - QUANDO CHEGUEI AO SÃO PAULO

Ser campeão com o São Paulo - Primeiro objetivo que vou tentar conquistar este ano
Um defeito - Ser perfeccionista
Uma qualidade - Ser sincero
Um defeito como jogador de futebol - Tenho muita capacidade física, mas gasto minha resistência em lances não necessários. Preciso aprender a dosar e a usar na hora certa para chegar inteiro ao final do jogo

UMA QUALIDADE COMO JOGADOR DE FUTEBOL - MARCAÇÃO

Imprensa - Sempre que precisa, atendo todo mundo. Sou humilde. Respondo a todas as perguntas, não só na fase boa como também na ruim

NEM SÓ DE FUTEBOL VIVE O BOLEIRO

Quando morava em Santos, o passatempo preferido dele era ver filmes. "Teve um período em que isso virou doença", confessa. Adriano e seu irmão se encontravam para assistir a uma boa comédia ou uma produção que ostentasse belos automóveis.

Em sua bagagem cinematográfica, os favoritos são *O Mentiroso, Quem Vai Ficar com Mary* e *Velozes e Furiosos*. Já em sua lista de atores prediletos, figuram os hilariantes Jim Carrey e Eddie Murphy.

O cinema, porém, não é sua única diversão. O jogador também gosta de música. Considera-se eclético. Mas, no fundo, sua preferência são os grupos de pagode. "Revelação, Pique Novo, Pixote. A galera do pagode é legal. Mas gosto de outras coisas além deles".

Atualmente, reside no CCT do São Paulo Futebol Clube. Então, quando vai à sua cidade natal, geralmente aos finais de semana, tem de desdobrar-se para dar atenção a amigos e familiares. O meio-campista, que também curte jogar futevôlei na praia, faz contas para não deixar ninguém desapontado. "O dia tem 24 horas. Tenho de dividir certinho para agradar a todos e fazer tudo".

Tão certo quanto reunir a família aos domingos é o churrasco. "Deu meio-dia, meu pai já está lá assando uma carninha. Se ele não faz, a gente vai para a churrascaria. Dificilmente, vai comer massa ou alguma coisa do gênero". Quanto à carne de que mais gosta, Adriano enche a boca para falar. "Picanha é uma das melhores", saboreia-se.

SURPRESAS PARA 2004?

Até, pelo menos, o final de 2003, ele manterá o visual. Mas avisa que, no ano que vem, algo novo poderá rolar. "Ainda não tive vontade de mudar, não. Mas, em 2004, quem sabe? Tem uma coisa chegando por aí. A torcida pode esperar que vai ter", revela.

Os grandes da

A camisa 2 do São Paulo já pertenceu a craques que conquistaram o mundo da bola

Cafu: currículo invejável

FOTOS REPRODUÇÃO

Por Fernando Savaglia

Na época da fundação do São Paulo da Floresta em 1930, as equipes costumavam entrar em campo com dois zagueiros e a chamada linha média formada por três jogadores logo à frente dos defensores.

A função que hoje exerce um lateral ainda não existia, pelo menos não na teoria. Mais ou menos como é hoje, fechar a retaguarda era a missão que cabia aos beques (um pela esquerda e outro pela direita), forma como eram conhecidos os atletas que tinham a incumbência de impedir que as jogadas dos centroavantes adversários se desenrolassem. Já o apoio ao ataque, ainda que tímido, era feito por um homem da linha média posicionado mais pelas laterais do campo.

O primeiro a defender as cores do São Paulo, exercendo a função de beque direito, foi Clodô. Enquanto o dono do lado direito da linha média são-paulina foi Romeu.

Nos anos 40, década em que o São Paulo dominou o futebol paulista, a marcação pela direita da zaga tricolor ficava a cargo de Laurindo Furlani, conhecido pelo apelido de Piolin em referência ao famoso palhaço patrono do circo brasileiro.

Natural de Casa Branca, interior paulista, Piolin chegou ao clube já com 29 anos de idade. Foi campeão em 43, 45 e 46, quando foi substituído por Savério, excelente jogador do time aspirante, campeão paulista invicto de 43 e, posteriormen-

Marcos Evangelista de Moraes • **CAFU**
Nascimento: 07/06/70
Local: São Paulo (SP)
Data de entrada no clube: 28/10/88
Data de saída: 12/01/95
Jogos disputados pelo São Paulo: 266
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Paulista de 91 e 92, Campeão Brasileiro de 91, Campeão da Libertadores de 92 e 93, Bicampeão do Mundial Interclubes de 92 e 93, Campeão da Supercopa e da Recopa Sul-Americanas de 93 e da Recopa Sul-Americana de 94, Pentacampeão em 2002
Títulos conquistados na seleção: Tetracampeonato de 94 e pentacampeonato de 02
Outros clubes: Zaragoza, Palmeiras, Roma e Milan

lateral-direita

te, bicampeão paulista em 48/49 já na equipe principal.

A MURALHA

Durante a década de 50, brilhou na ala direita a estrela de um piracicabano que começou sua carreira atuando como meia no Palmeirinha, de sua cidade. Era ele ninguém menos que Nilton De Sordi, que tinha como principais características a regularidade e a forte marcação a que sempre submetia os centro-avantes adversários. Chegou ao São Paulo em 52, contratado do XV de Piracicaba ainda como meia. No Tricolor, assumiu a lateral-direita, posição em que foi titular absoluto por 13 longos e inesquecíveis anos.

Com a vinda do técnico Bella Gutman em 57, o São Paulo passou a adotar o moderníssimo esquema, na época, 4-2-4 (quatro defensores, dois meio-campistas e quatro atacantes). A partir daquele momento, os laterais começaram a desenvolver funções mais parecidas com as que conhecemos hoje. Ainda assim, mesmo quando suas equipes estavam no ataque, eles raramente passavam do meio-de-campo.

Não foram poucas as vezes em que De Sordi jogou de zagueiro-central. Ele fez isso tanto no São Paulo quanto na seleção brasileira, com a qual, diga-se de passagem, fez sua estréia no dia 29 de janeiro de 1956 - num empate por 0 a 0 contra o Paraguai -, atuando justamente no miolo de zaga.

Titular mais do que absoluto na vitoriosa campanha de 58 na Suécia, De Sordi não atuou apenas na final por conta de uma contusão. Na partida decisiva contra os donos da casa, seu substituto foi Djalma Santos.

Ao sair do São Paulo em 65, guardava na bagagem as conquistas dos Campeonatos Paulistas de 53 e 57, o bicampeonato mundial com os selecionados nacionais de 58 e 62 e os três Campeonatos Brasileiros com a seleção paulista. Hoje, o ex-atleta dedica-se à sua fazenda no município de Bandeirantes, no norte do Paraná.

Reserva de De Sordi, o lateral Turcão veio do Palmeiras. E, assim como o bicampeão mundial, também atuou como zagueiro-central no Tricolor. Apesar de o clube ter conquistado poucos títulos de expressão em virtude das contenções de gastos impostas pela finalização do Estádio do Morumbi nos anos 60, atuaram pelo São Paulo bons laterais-direitos como Deleu e Clélio. Aliás, o primeiro jogou na famosa partida em que o Tricolor goleou o Santos de Pelé em 1963 por 4 a 1.

A GARRA URUGUAIA

Na década seguinte, os títulos voltaram. E com a sensacional contribuição de Pablo Justo Forlan, um lateral-direito uruguaio que veio do Peñarol.

Dono de uma disposição impressionante e uma garra muito acima da média, Forlan não admitia perder sequer um único jogo, ainda mais se fosse para o arqui-rival Palmeiras, clube contra o qual aparentemente dobrava sua determinação.

Segundo ele, o melhor momento para intimidar os adversários eram os primeiros cinco minutos de jogo,

VOCÊ SABIA

Desde a criação do futebol no século 19, os laterais foram chamados de várias formas. Já foram *backs*, *halfs*, zagueiros e alas

José Teodoro Bonfim Queiroz

ZÉ TEODORO

Nascimento: 22/11/63
Local: Anápolis (GO)
Data de entrada no clube: 23/08/85
Data de saída: 23/07/91
Jogos disputados pelo São Paulo: 248
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Paulista de 85, 87 e 89 e Campeão Brasileiro de 86 e 91
Outros clubes: Goiás e Guarani

Zé Teodoro: campeão brasileiro de 91

GETÚLIO Costa de Oliveira
Nascimento: 26/02/54
Local: Belo Horizonte (MG)
Data de entrada no clube: 01/09/77
Data de saída: 31/01/84
Jogos disputados pelo São Paulo: 323
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Brasileiro de 77 e Bicampeão de 80 e 81
Outros clubes: Atlético-MG e Fluminense

Getúlio: com a faixa de campeão paulista de 80

Laurindo Furlani
PIOLIN
Nascimento: 22/08/13
Local: Casa Branca (SP)
Data de entrada no clube: 01/04/42
Data de saída: 31/12/46
Jogos disputados pelo São Paulo: 145
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Paulista de 43, 45 e 46

Piolin e o time campeão paulista de 53

FOTOS: ACERVO/DIVULGAÇÃO

porque o árbitro dificilmente repreendia os zagueiros com cartões.
Por ser ponta-esquerda e pertencer ao Palmeiras, o atacante Ney reunia os atributos necessários para ser considerado a principal vítima da raça uruguaia do lateral são-paulino. Certa vez, em uma disputa mais viril entre eles, o palmeirense foi parar na pista de atletismo que circunda o gramado do Estádio do Morumbi, dada a disposição do defensor tricolor.
O sucessor de Forlan foi Nelson Batista, que veio da Ponte Preta, da cidade de Campinas, em São Paulo. O jogador sagrou-se campeão paulista de 75. Nelsinho, como ficou conhecido por conta de sua baixa estatura, apoiava muito bem o ataque. Cansou de servir, naquele ano, ao centroavante Serginho com excelentes cruzamentos. Hoje, ele é técnico de expressão nacional. Chegou a dirigir o São Paulo por duas vezes e a conquistar o título de campeão paulista de 1998 com o time do Morumbi. Atualmente, está no Japão, dirigindo o Nagoya Grampus.

GEGÊ
Em 1977, a diretoria do Tricolor foi buscar, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Getúlio, lateral-direito que, na época, já era consagrado no Atlético-MG. Dono de um chute impressionante, o atleta marcou 24 gols com a camisa tricolor, a maioria de falta. O mais famoso deles talvez tenha sido contra o Grêmio, no dia 19 de fevereiro de 78, válido pelo Brasileirão de 77, campeonato que o São Paulo conquistou. Nessa partida, cujo placar foi 3 a 1 para o São Paulo, Getúlio abriu o placar, batendo falta da intermediária gremista. O chute mortal e violentíssimo foi dado a uma distância aproximada de 40 metros. O goleiro Corbo, da equipe do Rio Grande do Sul, ainda pulou na bola. Mas não houve milagre que a parasse. Ela estufou a rede, trilhando o caminho para a vitória que classificaria o São Paulo para a fase semifinal diante do Operário, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.
Ele atuou ainda na seleção brasileira, tendo participado de algumas conquistas como o Torneio do Bicentenário da Independência Americana em 76.
Quando deixou o São Paulo em janeiro de 84, Getúlio *(conhecido carinhosamente como "Gegê da Cara Grande")* havia se tornado, além de campeão brasileiro de 77, bicampeão paulista de 80/81 com a camisa tricolor.
O mineiro foi substituído por Eder Taino até a contratação de José Teodoro Bonfim Queiroz, que acabaria marcando época no Morumbi. Dono de velozes arrancadas, o goiano Zé Teodoro fez parte de uma das melhores equipes da história do clube.
Com os jovens Silas, Müller e Sidney e dos já consagrados Pita, Careca, Nelsinho e do goleiro Gilmar Rinaldi, ele era peça importantíssima no time apelidado de "Menudos do Morumbi", orquestrado pelo técnico Cilinho. Além da velocidade, outra característica do craque eram seus cruzamentos certeiros, sempre servindo de maneira magistral a Careca e Müller. Contando com Zé Teodoro na lateral, o Tricolor ganhou os Paulistas de 85, 87 e 89, afora os Brasileiros de 86 e 91.

Cafu é o quinto atleta do São Paulo a abocanhar mais títulos em toda a história. Entre outras conquistas importantes, sagrou-se bicampeão mundial interclubes

UM VENCEDOR
Justamente no ano da conquista do terceiro título nacional do

Nilton **DE SORDI**
Nascimento: 14/02/31
Local: Piracicaba (SP)
Data de entrada no clube: 01/01/52
Data de saída: 16/07/65
Jogos disputados pelo São Paulo: 501
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Paulista de 53 e 57
Título conquistado na seleção: Campeão Mundial de 58
Outro clube: XV de Piracicaba

Forlan: bicampeão paulista (70/71)

Pablo Justo **FORLAN** Lamarque
Nascimento: 14/07/45
Local: Soriano (Uruguai)
Data de entrada no clube: 18/05/70
Data de saída: 01/09/75
Jogos disputados pelo São Paulo: 237
Títulos conquistados no São Paulo: Campeão Paulista de 70, 71 e 75
Outros clubes: Peñarol (URU), Nacional (URU), Defensor (URU) e Cruzeiro

De Sordi: comemoração no título de 57

São Paulo, começou a despontar o talento de Marcos Evangelista de Moraes, hoje mundialmente conhecido por Cafu. Oriundo das categorias de base do próprio São Paulo, o atleta deu uma prova de persistência, pois, mesmo sendo reprovado diversas vezes nas chamadas "peneiras" promovidas pelos grandes clubes paulistas, continuou acreditando.

Depois de várias recusas, Cafu foi incorporado às categorias amadoras do clube em 1988. Graças ao seu impressionante preparo físico, foi escalado seguidas vezes no ataque por Telê Santana, que soube como ninguém tirar proveito de sua admirável versatilidade.

Cafu é o quinto atleta do São Paulo a abocanhar mais títulos em toda a história. Entre outras conquistas importantes, sagrou-se bicampeão mundial interclubes, jogando contra o Barcelona, em 92, como quarto homem de meio-de-campo e, no ano seguinte, contra o Milan na lateral-direita, sua posição de origem. Ele ainda disputou três Copas do Mundo em 94, 98 e 02. Foi capitão da equipe do penta e o primeiro jogador daquele plantel a pôr as mãos na taça.

Em 92, também sob a batuta de Telê Santana, outro lateral-direito fez partidas memoráveis com a camisa tricolor: Vítor, jogador de extrema força física e muita determinação que substituiu Cafu quando este foi deslocado para o ataque.

Vítor participou como titular da conquista do primeiro Mundial Interclubes que o São Paulo venceu em 92. Já no bicampeonato em 93, Cafu, de volta à sua posição de origem, teve Jura, que foi comprado do Guarani, como seu reserva.

Vindo do Palmeiras, Cláudio acabou substituindo Cafu, que coincidentemente transferiu-se para a equipe do Parque Antártica, no final de 1994. Jogador correto e de atuações discretas, ele acabou disputando a posição com o pequenino Pavão, outro revelado nas categorias de base do Tricolor, que chegou a se sagrar campeão da Copa Conmebol, em 94, com o famoso "expressinho" do São Paulo que contava, entre outros, com o goleiro Rogério Ceni, o meia Juninho e o atacante Denílson.

NOVAS CARAS NA LATERAL-DIREITA

Durante a década de 90, vestiram a camisa número 2 do São Paulo Anderson Lima, o curinga Edmílson, o paraguaio Isasi, o tetracampeão Jorginho e o versátil Zé Carlos, campeão paulista de 98. Este último, comprado da Matonense, acabou sendo convocado para disputar no mesmo ano a Copa do Mundo na França como reserva de Cafu. E foi escalado na partida semifinal contra a Holanda, dando sua contribuição para a classificação do Brasil para a disputa da partida decisiva contra os donos da casa.

Atuando como médio-volante, Belletti chegou ao São Paulo junto com o lateral-esquerdo Serginho. Ambos vieram do Cruzeiro em março de 96. Com fama de jogador aguerrido e sem medo de cara feia, o atleta ofereceu-se em 2000 ao técnico Levir Culpi para assumir a lateral-direita tricolor, posição na qual já havia atuado de maneira improvisada em 96 sob o comando de Muricy Ramalho. Dando um voto de confiança, Levir o promoveu a titular e acabou por acertar o setor da equipe.

Com seu futebol voluntarioso, Belletti acabou barrando Pimentel, que veio por empréstimo do Flamengo meses depois. Coincidentemente, foi convocado para a Copa de 2002 como reserva de Cafu. Hoje, a posição é de Leonardo Moura, atleta de jogo elegante que teve recentes passagens por Palmeiras e Vasco da Gama. Mas, disputando posição com ele, há outro jovem talentoso, de futuro promissor, chamado Thiago.

Fonte: *Nossos Grandes Títulos, Nossos Maiores Ídolos*

O retrospecto do craque

ESTRÉIA
01/02/2001
Foi contra o Botafogo-RJ, no Estádio do Morumbi, pelo Rio-São Paulo. Ainda era a primeira fase da competição. O placar terminou em 1 a 1.

PRIMEIRO GOL
04/02/2001
Também no Morumbi, diante do Santos, ele marca o segundo da vitória são-paulina por 4 a 2.

BARBA, CABELO E BIGODE
07/03/2001
Kaká promove a festa paulista na final do Torneio Rio-São Paulo, marcando os dois gols do Tricolor sobre o Botafogo-RJ. O placar foi de 2 a 1.

PRIMEIRO TRAUMA
05/12/2001
Em jogo com o Atlético-PR no sul, sofre falta dura de Cocito e sai de campo chorando.

JOVEM PENTACAMPEÃO
06/05/2002
Kaká é convocado pela seleção brasileira de Luiz Felipe Scolari. Durante a Copa da Ásia, entra em apenas um partida, contra a Costa Rica. O Brasil sagra-se pentacampeão e o craque volta com o título na bagagem.

A despedida: autógrafo à jovem fã antes de embarcar

FOTOS RUBENS CHIRI

Já bateu saudade

Kaká, atleta mais importante do clube neste começo de século, vai jogar no futebol italiano e despede-se com o coração dividido

Por Carlos Mesquita

7 de março de 2003. Final do Torneio Rio-São Paulo. Nessa data, o Tricolor brigava por um título inédito em sua história com o Botafogo-RJ.
O nome do protagonista dessa história ainda era grafado de maneira, digamos, diferente. Escrevia-se Cacá. Mas, segundo declarações do próprio atleta na época, por um erro dos dirigentes. "Sempre fui Kaká com K", afirmou aos principais veículos de comunicação de São Paulo.
Como um guerreiro que não foge à batalha, entrou em campo naquela noite para resolver. Chamou a responsabilidade para si, como se fala na linguagem do futebol. Ainda franzino, mas com talento de sobra, foi bravo. E o show foi todinho dele, que marcou os dois gols da vitória em dois minutos.
Ricardo Izecson dos Santos Leite, o Kaká, é mais um exemplo de jogador formado nas categorias de base do São Paulo. Ele começou a jogar no Morumbi há 13 anos. Desde pequeno, demonstrava ser dono de habilidades inerentes aos grandes craques. Chegou ao clube na condição de sócio e rapidamente foi integrar o time de meninos.
Ainda garoto, passou por um minucioso trabalho de preparação física. O objetivo era desenvolver seu potencial atlético para que pudesse mostrar toda a sua técnica. Em 2000, porém, um acidente doméstico quase o tirou do futebol. Suspenso de um jogo dos juniores, foi para a casa de seus avós paternos, em Caldas Novas. Lá, bateu a cabeça no fundo da piscina depois de descer do escorregador. "Acabei fraturando a sexta vértebra. Fiquei com o colete cervical, em casa, sem poder fazer nada, esperando calcificar. Não joguei mais naquele campeonato", disse à Revista Oficial do São Paulo.
Depois de superado o episódio, retornou à equipe de juniores. Em 2001, Oswaldo Alvarez, então técnico do Tricolor, deu-lhe uma oportunidade no plantel profissional. Sua estrela começou a brilhar ali, na conquista do Rio-São Paulo. Depois daquele episódio, sua carreira decolou.
Ídolo das novas gerações de são-paulinos – e, principalmente, de são-paulinas, que passaram a enviar-lhe inúmeras cartas -, foi comparado diversas vezes a Raí, um dos principais atletas da história do clube. Os dois eram parecidos em diversos pontos. Ambos sem-

pre foram bons moços, responsáveis tanto dentro quanto fora de campo e inteligentes quando estavam brigando pelo São Paulo, entre tantas outras características semelhantes.
Kaká firmou-se como titular absoluto, tornando-se indispensável. Continuou mantendo seu trabalho no topo, o que gerou várias alegrias à torcida. Chegou a defender a seleção brasileira no Mundial Sub-20, que ocorreu na Argentina, em 2001. Suas exibições de gala garantiram-lhe o título de revelação do futebol nacional daquele ano.

A CONSAGRAÇÃO

Em 2002, Luiz Felipe Scolari o convocou para disputar a Copa do Mundo da Ásia - seu primeiro gol com a amarelinha aconteceu em amistoso contra a Islândia. De volta do Oriente, Kaká já era pentacampeão mundial com apenas 20 anos.
No Campeonato Brasileiro, continuou exibindo seu bom futebol. Entretanto, no começo de 2003, por servir à seleção brasileira Sub-23 em torneio disputado no Catar, o atleta não fez pré-temporada com o São Paulo. Esse fato e a sobrecarga de partidas o levaram a ter seguidas lesões. Em virtude disso, ficou no estaleiro por um bom período.
De volta aos gramados, Kaká foi convocado para defender a seleção Sub-23 na Copa Ouro. Lá, reencontrou o melhor de sua forma física e voltou a jogar bem. Totalmente recuperado, marcou gols importantes que puseram o Brasil na final, disputada com o México.
Após o torneio pré-olímpico, Kaká juntou-se ao Tricolor no campeonato nacional que está sendo disputado. Mais uma vez, começou a mostrar seus bons serviços, como, por exemplo, no jogo diante do Cruzeiro, em Belo Horizonte, quando puxou o contra-ataque mortal que originou o gol marcado por Gustavo Nery.
Sua última partida pelo time do Morumbi ocorreu contra o Juventude, em 9 de agosto. As negociações com o Milan, da Itália, arrastaram-se durante toda aquela semana. E, na sexta-feira, 16 de agosto, o acordo foi selado.
Kaká assinou contrato de quatro anos com a esquadra milanesa. O São Paulo recebeu pelo craque US$ 8,5 milhões. Na despedida, o coração de Kaká bateu forte. "Estou emocionado por tudo que fiz, mas é hora de me despedir", disse aos jornalistas antes de embarcar no aeroporto de Cumbica, em São Paulo.
O meia foi recepcionado com muita festa na Europa. No time italiano, deve atuar com a camisa 22, dia de seu aniversário. Kaká afirmou à imprensa do Velho Continente que está superfeliz por atuar ao lado de outros brasileiros – Dida, Cafu, Roque Júnior, Serginho e Rivaldo. Mas faz questão de ressaltar um. "Poderei jogar ao lado de Rivaldo, um grande amigo meu", garantiu. Até mais, craque.

"Tenho uma relação de amor com este clube. São 13 anos de casa, estou aqui desde os oito anos de idade. De torcedor, passei a jogador. Então, se eu sair do São Paulo, não é tchau, é até logo"

KAKÁ em matéria do diário *Lance* antes de ser anunciado como reforço do Milan

RICARDO IZECSON DOS SANTOS LEITE
Nascimento: 22/04/82 **Local:** Brasília

Habilidade: Kaká deixando seus marcadores para trás em jogo contra o Internacional, em 2 de agosto

BRASILEIRÃO 2002
Depois da Copa
Kaká brilha no Brasileirão e o São Paulo consegue uma seqüência de dez vitórias com a contribuição dele.

SELEÇÃO DO MUNDO
18/12/2002
Kaká integra a seleção da Fifa para um jogo contra o Real Madrid, na Espanha, e ainda marca um golaço.

PAULISTÃO 2003
29/01/2003
Em jogo contra o Juventus, Kaká mata a pau. Em determinada altura, parte de seu campo de defesa, dribla vários adversários e chuta na saída do goleiro. Um dos gols mais bonitos de sua carreira.

LESÕES
De abril a junho de 2003
Durante esse período, passa 60 dias parado por conta de lesões.

RETORNO EM GRANDE ESTILO
20/07/2003
Diante da Colômbia, pela seleção Sub-23, na Copa Ouro, o meia faz ótima partida. Ele marca os dois gols que classificam o Brasil para a fase seguinte da competição.

ÚLTIMA PARTIDA PELO SÃO PAULO
09/08/2003
O atleta faz sua última partida com a camisa tricolor diante do Juventude, pelo Brasileirão. Ele participa do segundo gol da vitória paulista de 3 a 1 sobre os gaúchos e sai aos 25 minutos da etapa complementar.

Diante do Fluminense, no Rio de Janeiro, **LUÍS FABIANO** balançou as redes duas vezes e **DIEGO TARDELLI**, de 18 anos, uma

BRASILEIRO 2003

FOTOS RUBENS CHIRI

O início da partida entre São Paulo e Atlético-PR pegou fogo. O time do sul começou botando pressão para cima do Tricolor. Logo, porém, os paulistas equilibraram e passaram a atacar mais

Fluminense 1 X 3 São Paulo

18º JOGO

FLUMINENSE
Kléber; Jeancarlos; Zé Carlos, Rodolfo e Jadilson (Junior César); Marcão, Marciel, Alex Oliveira e Lopes (Marcelo); Sorato e Joãozinho (Josafá) • **Técnico:** Gílson Gênio

SÃO PAULO
Rogério; Leonardo (Tiago) (Lugano), Jean, Júlio Santos e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplício e Gustavo Nery; Luís Fabiano e Rico (Diego Tardelli) • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Luís Fabiano aos 12min e Sorato aos 31min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 18min e Luís Fabiano aos 41min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Júlio Santos, Tiago, Fábio Simplício, Rico, Diego e Gustavo Nery; Sorato, Marcão e Jeancarlos • **Cartão vermelho:** Fabiano • **Data:** 13/07/03 (Domingo) • **Juiz:** Evandro Rogério Roman • **Local:** Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)

São Paulo 2 X 0 Atlético-PR

19º JOGO

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Leonardo, Jean, Júlio Santos e Jorginho Paulista (Rico); Adriano, Alexandre, Carlos Alberto e Gustavo Nery; Diego Tardelli (Marcos Antonio) e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

ATLÉTICO-PR
Diego; David (Douglas Silva), Capone, Rogério Corrêa e Ivan; Leomar, Luciano Santos, Rodrigo (Anderson Gomes) e Jadson (Fabrício); Ricardinho e Ilan • **Técnico:** Oswaldo Alvarez

Gols: Rico aos 17min e Gustavo Nery aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Júlio Santos, Carlos Alberto, Gustavo Nery e Alexandre; Ilan • **Cartão vermelho:** Luís Fabiano • **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas • **Data:** 17/07/03 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Num jogo com arbitragem confusa, o São Paulo perdeu para a Ponte Preta no Morumbi e ainda teve dois jogadores expulsos, Rogério Ceni e Júlio Santos

Vitória 0 X 2 São Paulo

20º JOGO

VITÓRIA
Juninho; Maurício, Marcelo Heleno, Adaílton, Almir, Ramalho, Dudu Cearense, Dyonísio (César), Samir, Zé Roberto, Alecsandro • **Técnico:** Edinho

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Leonardo, Jean, Júlio Santos, Fabiano, Diego Lugano, Alexandre, Fábio Simplício (Marcos Antonio), Adriano, Diego Tardelli (Kléber), Rico (Gallo) • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Fabiano aos 6min e Rico aos 29min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Zé Roberto, Marcelo Heleno e Adaílton; Lugano • **Cartão vermelho:** Alexandre • **Juiz:** Fernando Rogério Assunção • **Data:** 20/07/03 (domingo) • **Local:** Estádio Barradão, Salvador (BA)

São Paulo 1 X 2 Ponte Preta

21º JOGO

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Leonardo, Jean, Júlio Santos e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto (Marcos Antonio), Fábio Simplício (Kléber) e Gustavo Nery; Rico (Diego Tardelli) e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

PONTE PRETA
Lauro; Marquinhos (Carlos Alexandre), Luís Carlos, Rafael Santos e Alan; Ângelo, Romeu, Adrianinho (Roger) e Ronildo; Jean e Fabrício Carvalho (Piá) • **Técnico:** Abel Braga

Gols: Jean aos 45min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 10min e Rafael Santos aos 45min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Romeu e Alan; Leonardo, Adriano e Kléber • **Cartões vermelhos:** Júlio Santos e Rogério Ceni • **Juiz:** Rodrigo Martins Cintra • **Data:** 24/07/03 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Flamengo 1 X 1 São Paulo

22º JOGO

FLAMENGO
Júlio César; Fábio Baiano, Fernando, Fabiano Eller e Anderson; Fabinho, Jônatas (Valdson), Yan e Igor (Andrezinho); Jean e Fernando Baiano (Zé Carlos) • **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SÃO PAULO
Roger; Leonardo, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplício e Ricardinho; Luís Fabiano e Diego Tardelli (Rico) • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Diego Tardelli aos 30min do primeiro tempo; Anderson aos 46min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Yan; Adriano, Fabinho, Ricardinho, Rico e Luís Fabiano • **Juiz:** Lourival Dias Lima Filho • **Data:** 27/07/03 (domingo) • **Local:** Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)

Diego Tardelli marcou para o São Paulo no jogo contra o Flamengo, no Maracanã. Foi o segundo dele no elenco profissional. Por coincidência, o primeiro também aconteceu no estádio carioca, mas contra o Fluminense

São Paulo 0 X 2 Internacional

23º JOGO

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Leonardo (Diego Tardelli), Jean, Júlio Santos e Fabiano; Adriano, Fábio Simplício (Kléber), Carlos Alberto (Marcos Antonio) e Gustavo Nery; Luís Fabiano e Kaká • **Técnico:** Roberto Rojas

INTERNACIONAL
Clêmer; Vinícius, Wilson (Júnior Paulista) e Sangaletti; Gavilán, Claiton, Flávio e Edu Silva; Jéferson Feijão (Júnior), Nilmar e Cidimar (Elder Granja) • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Wilson aos 3min e Nilmar aos 34min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gustavo Nery e Fabiano; Sangaletti, Wilson, Jéferson Feijão e Gavilán • **Juiz**: Wagner Tardelli Azevedo • **Data:** 02/08/2003 (sábado) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

No segundo tempo do jogo entre São Paulo e Ponte Preta, Gustavo Nery assumiu o gol tricolor, pois Rogério Ceni foi expulso e Rojas já havia feito todas as substituições possíveis

Cruzeiro 1 X 1 São Paulo

24º JOGO

CRUZEIRO
Gomes; Maurinho, Luisão, Edu Dracena e Leandro; Augusto Recife, Sandro (Alex Dias), Felipe Mello e Alex; Alex Alves (Motta) e Aristizábal (Cris) • **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Jean, Diego Lugano e Júlio Santos; Fábio Simplício, Adriano, Carlos Alberto, Fábio Santos (Diego Tardelli) e Gustavo Nery; Kaká e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Gustavo Nery aos 5min e Motta aos 31min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Augusto Recife, Sandro, Felipe Mello e Alex; Júlio Santos, Jean, Fábio Simplício e Gustavo Nery • **Juiz:** Giuliano Bozzano • **Data:** 06/08/2003 (quarta-feira) • **Local:** Estádio Mineirão, Belo Horizonte (MG)

Kaká fez boa partida contra o Cruzeiro. A jogada do gol tricolor foi iniciada por ele, que, com muita visão de jogo, presenteou Gustavo Nery

São Paulo 3 X 1 Juventude

25º JOGO

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Leonardo Moura, Jean, Diego Lugano e Fabiano; Adriano, Fábio Simplício, Carlos Alberto e Kaká (Marcos Antonio); Diego Tardelli (Márcio Luiz) e Kléber • **Técnico:** Roberto Rojas

JUVENTUDE
Maurício; Mineiro, Renato, Dante e Marcão; Evandro, Camazzola, Marcelo (Geufer) e Donizete Amorim (Raone); Taílson (Leonardo Manzi) e Rafael • **Técnico:** Raul Plassmann

Gols: Carlos Alberto aos 38min e Diego Tardelli aos 40min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 16min e Geufer aos 36min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Camazzola e Geufer • **Juiz:** Álvaro Azeredo Quelhas • **Data:** 09/08/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 0 X 0 Criciúma

26º JOGO

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Leonardo Moura (Aílton), Jean, Lugano e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplício e Gustavo Nery; Diego Tardelli (Márcio Luiz) e Kléber • **Técnico:** Roberto Rojas

CRICIÚMA
Fabiano; Duílio, Luciano, Luciano Almeida (Rômulo) e Etto; Léo Oliveira, Cléber Orleans, Léo Mineiro e Douglas (Sandro Fonseca); Tico e Dejair • **Técnico:** Gilson Kleina

Cartões amarelos: Kléber e Leonardo; Cléber Orleans e Luciano Almeida • **Juiz:** Jorge Fernando Rabello • **Data:** 16/08/03 (sábado) • **Local:** Estádio Santa Cruz, Ribeirão Preto (SP)

Fortaleza 0 X 2 São Paulo

27º JOGO

FORTALEZA
Jefferson; Sérgio (Chiquinho), Ronaldo, Erivelton e Marcio Giovanini; Erandir, Dino, Alyson e Marcos Paulo; Finazzi (Clodoaldo) e Rena • **Técnico:** Márcio Araújo

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Lugano, Júlio Santos e Jean; Fábio Simplício, Adriano, Carlos Alberto, Aílton (Alexandre) e Gustavo Nery; Kléber (Márcio Luiz) e Diego Tardelli (Rico) • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Kléber aos 33min do primeiro tempo; e Rico aos 43min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Erandir; Lugano, Júlio Santos, Rico e Kléber • **Cartão vermelho:** Erivelton • **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça • **Data:** 21/08/03 (quarta-feira) • **Local:** Estádio Castelão, Fortaleza (CE)

Vasco 3 X 2 São Paulo

28º JOGO

VASCO
Fábio; Wellington Monteiro, Henrique, Wescley e Ozéia; Da Silva, Bruno Lazaroni e Beto; Edmundo (Igor), Donizete (Rubens) e Régis • **Técnico:** Mauro Galvão

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Jean, Diego Lugano e Gustavo Nery; Leonardo, Adriano, Fábio Simplício (Aílton), Carlos Alberto (Fábio Santos) e Fabiano; Rico e Luís Fabiano (Diego Tardelli) • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Beto aos 42min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 6min, Henrique aos 17min, Luís Fabiano aos 18min e Edmundo aos 21min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Wescley e Edmundo, Fábio Simplício • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Data:** 24/08/03 (domingo) • **Local:** Estádio de São Januário, Rio de Janeiro (RJ)

Copa Sul-Americana

RUBENS CHIRI

Rogério Ceni: sem muito trabalho contra o Grêmio

Grêmio 0 X 4 São Paulo

1º JOGO

SÃO PAULO
Rogério Ceni; Júlio Santos, Jean (Ed Carlos) e Lugano; Leonardo, Adriano (Gallo), Carlos Alberto, Fábio Simplício (Marcos Antonio) e Fábio Santos; Kléber e Diego Tardelli • **Técnico:** Roberto Rojas

GRÊMIO
Danrlei; Adriano, Baloy e Roger; Anderson Lima, Marcos Paulo, Tinga, Jorge Mutt e Douglas (Renato); Caio (Leandro) e Flávio (Cláudio Pitbull) • **Técnico:** Nestor Simionatto

Gols: Fábio Simplício aos 8min e Kléber aos 43min do primeiro tempo; Fábio Simplício aos 6min e Diego Tardelli aos 46min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Santos • **Cartões vermelhos:** Adriano e Baloy • **Juiz:** Luciano Almeida • **Data:** 30/07/03 (quarta-feira) • **Local:** Estádio Olímpico, Porto Alegre (RS)

Jogando sem seus principais titulares, o Tricolor paulista fez uma bela partida na estréia da Copa Sul-Americana e goleou o Grêmio por 4 a 0 em Porto Alegre

TOPPER

SÃO PAULO FUTEBOL CENTER

A Escola Oficial do Sao Paulo Futebol Clube

SPFC

São Paulo Futebol Center

A maior escola de craques do Brasil

0800 120812 | www.saopaulofc.net

Lindas mulheres: os torcedores presenciaram um jogo de pouca técnica mas muita beleza

FOTOS RUBENS CHIRI

MEGA MODELS 2 X 0 PLAYBOY

Mega Models
Raquel Freire, Carolina Francischini, Ana Hickmann, Pietra, Gigi Monteiro, Letícia Wierman, Carla Freitas, Michella Cruz, Ana Caroline, Gabi Furlan e Cris Ferreira
Substituições: Fernanda e Orion

Playboy
Cida Costa, Dani Bananinha, Sabrina Sato, Manoela, Sheila Mello, Nana Gouvêa, Bárbara Gomes, Antonela Avellaneda, Daniela Soares, Luciana e Luciana Pereira

Gols: Gabi Furlan aos 4min e Pietra aos 6min do primeiro tempo
Cartão amarelo: Sheila Mello • **Juiz:** Léo Áquila • **Data:** 02/08/03 (sábado) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Por uma boa causa

No dia 2 de agosto, pouco antes da partida entre São Paulo e Internacional, rolou um jogo que encheu os olhos dos torcedores. As modelos da agência Mega Models e as coelhinhas da revista *Playboy* se enfrentaram no gramado do Estádio do Morumbi.
Mulheres como Ana Hickmann, Sabrina Sato, Sheila Mello, Dani Bananinha, Manuela e Nana Gouvêa promoveram um espetáculo de pura beleza. O evento foi em prol da campanha Natal dos Sonhos, que visa arrecadar brinquedos que serão distribuídos pela Pastoral do Menor no País inteiro.
O futebol mostrado não foi exatamente dos mais técnicos. O ingrediente principal ficou mesmo por conta do charme das garotas. Logo aos quatro minutos do primeiro tempo, o juiz marcou um pênalti em favor da Mega Models. O time das meninas da *Playboy* reclamou muito e Sheila Mello, a ex-loira do É o Tchan, tomou cartão amarelo. Gabi Furlan não perdou e inaugurou o placar. Dois minutos depois, numa jogada estranha dentro da área, Pietra aproveitou o bate-rebate e ampliou para a equipe da Mega Models, que continuou melhor na etapa complementar.
Sheila Mello foi uma das jogadoras mais ovacionadas pela torcida. Ela, porém, quase ficou fora da brincadeira. Isso porque, em cima da hora, tirou a camisa do São Paulo que estava usando, com dedicatória do ex-tricolor Júlio Baptista, para vestir rapidinho o uniforme e entrar a tempo.
Joana Prado, a Feiticeira, também marcou presença. Mas, diferentemente das colegas, curtiu uma de repórter. Ela cobriu o acontecimento para uma emissora de televisão.
Ao final, Ana Hickmann declarou que a partida foi engraçada e destacou o que achou mais considerável na realização do evento. "O mais importante foi ajudar as crianças carentes".
Para o diretor de futebol do clube, Juvenal Juvêncio, o balanço também foi positivo. "As moças estimularam 24 mil torcedores a comparecerem ao Morumbi".

Ana Hickmann disputa bola com Dani Bananinha

A ex-Big Brother Manu tenta um lance de efeito

As jovens modelos da Mega comemoram mais um gol

Marcelo Portugal Gouvêa, Domingos Moraes (esquerda) e o diretor de Manutenção, Paulo Nascimento de Godoy, descerram a placa do Morumbi Premium

O público aprovou a nova área são-paulina

FOTOS RUBENS CHIRI

A Topper montou um stand em que o torcedor testava a potência de seu chute

INAUGURAÇÃO DO MORUMBI PREMIUM CLUB

O público pôde conferir a nova área vip do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, batizada de Morumbi Premium Club, no último dia 2 de agosto. O presidente tricolor, Marcelo Portugal Gouvêa, descerrou a placa de inauguração na presença de diretores e conselheiros do clube. Em seguida, o setor recebeu as modelos que se enfrentaram em jogo preliminar à principal. Dentre elas, estavam a top model Ana Hickmann, a bailarina Sheila Mello, a ex-Big Brother Sabrina Sato e as atrizes/modelos Nana Gouvêa e Gigi Monteiro.

Também foi inaugurada no Morumbi Premium Club uma unidade do Habib's, líder em fast food no Brasil. Essa foi a primeira de 15 lanchonetes que deverão ser instaladas nos três anéis do estádio, além de um restaurante na área social.

Seguindo uma tendência muito em voga na Europa e na Ásia, o novo local vip do Morumbi terá como objetivo proporcionar maior conforto ao espectador. Afora as cadeiras especiais numeradas e a lanchonete, o torcedor que optar por ver os jogos de lá terá direito a banheiros exclusivos, estacionamento, loja com produtos oficiais do São Paulo e do projeto Sócio-Torcedor e um lounge, decorado com motivos que relembram as glórias do clube.

Na voz de Paulo Planet

Alfredo Eduardo Noronha

Infelizmente, de uns tempos para cá, a cada duas, três edições da nossa revista, nos obrigamos, muito contrariados, a formular lembranças e conceitos relativamente ao desaparecimento, à morte de diretores, conselheiros, jogadores, sem contar, com certeza, os muitos e não menos importantes torcedores anônimos que igualmente desaparecem, deixando-nos, sempre, contudo mais do que a esperança, a certeza de que onde quer que estejam estarão se constituindo na enorme multidão dos que agora chamamos de sócios-torcedores! Porque, lá junto daquele que nos criou e deu existência, continuarão são-paulinos e influindo, poderosamente, no nosso futuro.

Agora foi Alfredo Eduardo Noronha, ou simplesmente Noronha como sempre foi identificado, como um dos melhores e mais perfeitos laterais (a princípio centromédio, como então se chamavam) que o Brasil já produziu, que nos deixou próximo, bem próximo dos cem anos, graças, seguramente, ao esporte que nunca deixou de praticar, especialmente nas nossas quadras de tênis, no Morumbi.

Lembro, e muito bem, quando ele veio, quando foi deslocado para a esquerda, na razão direta da concentração de Zarzur, sua imensa simpatia de gaúcho naturalizado paulista, seu profundo conhecimento do futebol, a ponto de, um dia, a meu pedido, esclarecer-me como era possível que fosse imbatível no cabeceio, que ele, em poucas palavras definiu o princípio mecânico segundo o qual duas pessoas não podem ficar no mesmo lugar...ou seja ele se colocava precisamente onde a bola iria cair...

Noronha também jamais será esquecido. Não apenas pela imensidão de seu futebol, mas porque havia se transformado num verdadeiro torcedor do São Paulo, grato, imensamente grato por tudo aquilo que o clube fizera com ele, aliás, tanto quanto ele fizera pelo seu Tricolor. Mais um elo da formidável linha média, que a todos encantou e que se vai, deixando, como todos, muitas saudades.

REPRODUÇÃO

Noronha: futebol vistoso

Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

EPOPÉIA DO MORUMBI

Por Agnelo Di Lorenzo

Capítulo III - Parte 1

"Jamais vacilastes no cumprimento do fantástico programa"

Senhor presidente Laudo Natel
Senhor professor Waldemar Mariz de Oliveira Jr.
Digníssimo presidente do conselho
Senhores conselheiros
Meus senhores

Concedei-me, antes de mais nada, o privilégio de falar em nome da diretoria do São Paulo FC.

É em tal qualidade, e mais na de amigo, que me dirijo ao ilustre homenageado deste encontro, cuja transcendência ficará incorporada, para sempre, aos anais do esporte pátrio.

Presidente Laudo Natel: a carta que encaminhastes à altiva comunidade são-paulina dá-nos conta do vosso desejo de deixar a presidência do clube, depois de lhe haverdes dedicado 20 anos de trabalho, de esforço e de sacrifício. Foram 20 anos de amor, foram 20 anos de entrega total aos ideais que alimentastes – e 20 anos, em qualquer circunstância, constituem parcela respeitável de uma existência. No vosso caso, porém, esses 20 anos valem por toda uma vida. E, se alguma dúvida tiverdes, olhai em torno de si.

Olhai, sim, em torno de si, presidente. Observai à vossa volta, presidente. Buscai as pessoas todas que lotam este auditório, presidente. O que é que vedes? O São Paulo FC por inteiro, o São Paulo FC em feitio maciço.

Sim, é o Tricolor que se apresenta diante de vós, com a majestade esplêndida dos elementos representativos das três etapas decisivas que o nosso clube já viveu, ou vive ainda. São os homens de ontem que aqui acorrem, convictos de que o sonho que eles sonharam – e como souberam sonhá-lo! – encontraram, na vossa capacidade de bem fazer, o elemento catalisador, que transformou quimeras em realidade. Ativos, atuantes e participantes, esses magníficos porta-vozes da própria história do São Paulo FC quiseram, com sua presença neste magno acontecimento, dizer que vos reconhecem e vos aplaudem, como líder e como condutor, mas também como amigo.

São, além deles, os companheiros da chamada geração intermediária, hífens humanos a ligar épocas distintas, porém, nunca estanques, que estão aqui. Graças a tal pugilo de bravos, eventuais ameaças de solução de continuidade na trajetória do São Paulo FC, foram cortadas e – esta é a realidade – na permanência da nossa associação, na constante presença nossa na colorida paisagem esportiva do São Paulo, do Brasil e do mundo. Não permitiram que a bandeira caísse nem sequer que fosse arriada do mastro, porque compreenderam que a pujança do nosso clube era um imperativo do destino de todos, e de cada um em particular.

PISAMOS NA BOLA - EDIÇÃO 117

Na matéria de **perfil**, no alto das páginas 33 e 35, no espaço em que costuma ficar o nome do entrevistado, o correto deveria ser Fabiano.

Na matéria de **clássico**, na legenda da foto superior da página 38, o ano é 2000. Na mesma matéria, na legenda de Rogério Ceni, cuja foto está na parte inferior da página 39, o ano também é 2000.

Na nota do **Notícias do Tricolor** sobre Ricardinho e Luís Fabiano na seleção brasileira, cuja foto está na página 46, a Copa é a das Confederações.

Com troféu de campeão na bagagem, time sub-17 são-paulino chegou da Espanha com festa

SUB-17 DO TRICOLOR É CAMPEÃO DO TORNEIO INTERNACIONAL ATHLETIC CLUB BILBAO

O time sub-17 do São Paulo Futebol Clube, que sagrou-se campeão invicto do Torneio Internacional Juvenil Athletic Club Bilbao, em agosto, retornou ao Brasil com muita festa.

Com o troféu de campeão na bagagem, o técnico Vizolli reconheceu que a conquista não foi nada fácil. "Vencemos o Atlhetic Bilbao na final dentro da casa deles num jogo bastante difícil. Durante a competição, jogamos com equipes de tradição, que têm uma estrutura de base forte, e conseguimos o título. A vitória foi muito importante para o grupo", disse.

O meio-campista Alê, capitão são-paulino que levantou a taça, ressaltou a união da equipe para chegar à vitória. "É bom para o nosso currículo ser campeão de um torneio bem organizado como esse da Espanha. Além disso, serviu para unir mais o grupo, que está em formação. Não tenho dúvida que voltaremos com força total para disputar o Paulista".

Para o diretor-adjunto de futebol de base do Tricolor, Sérgio Bragança, ex-diretor das categorias de base no período de 1992 a 1997, o objetivo é a formação de jogadores. "O torneio foi ótimo. Espero que esta seja a abertura de um caminho para novas conquistas, não só de títulos, mas de aprendizado futuro", declarou.

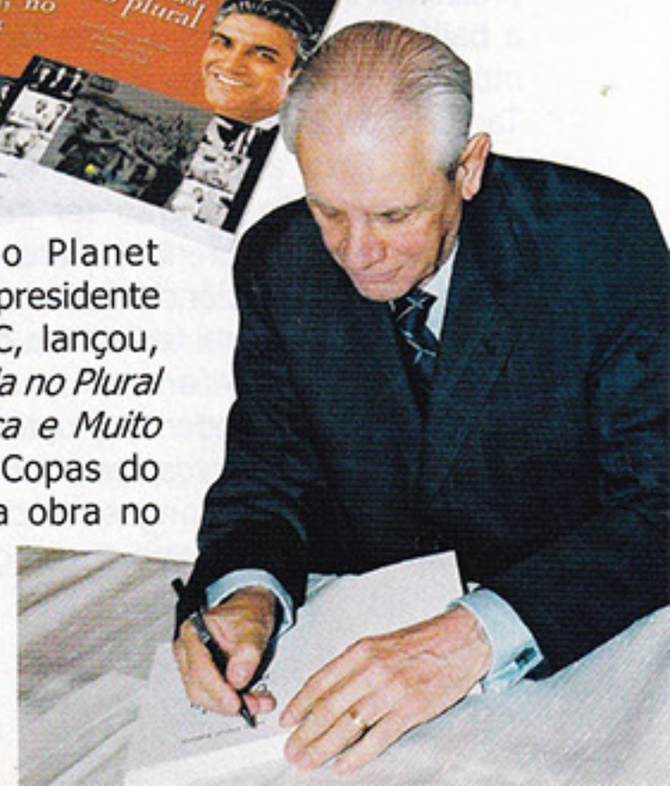
O Tricolor obteve mais esse título internacional ao vencer a equipe anfitriã na final do torneio por 3 a 0. Na primeira fase, o time são-paulino venceu o Santutxu, da Espanha, por 5 a 1, e empatou com o Porto, de Portugal, por 0 a 0, conquistando a vaga para a final.

Além do título, o São Paulo trouxe para o Brasil o troféu de melhor jogador do torneio para o lateral-esquerdo André.

O time campeão é formado pelos seguintes jogadores: Saulo, Felipe, Ricardo, Douglas, Digão, Carlos, Moreno, Alexandre, Fabiano, Raoni, André, Capi, Tiagão, Chumbinho, Davi, Diego, Henrique e Renan.

PAULO PLANET LANÇA *UMA VIDA NO PLURAL*

O jornalista e advogado Paulo Planet Buarque, conselheiro vitalício e ex-presidente do Conselho Deliberativo do SPFC, lançou, no dia 19 de agosto, o livro *Uma Vida no Plural - Jornal, Rádio, TV, Política, Justiça e Muito Futebol*. O autor, que cobriu as Copas do Mundo de 58 e 62, autografou a obra no Buffet La Residence em Moema



Marcos André Rocha garantiu o bronze para o Brasil

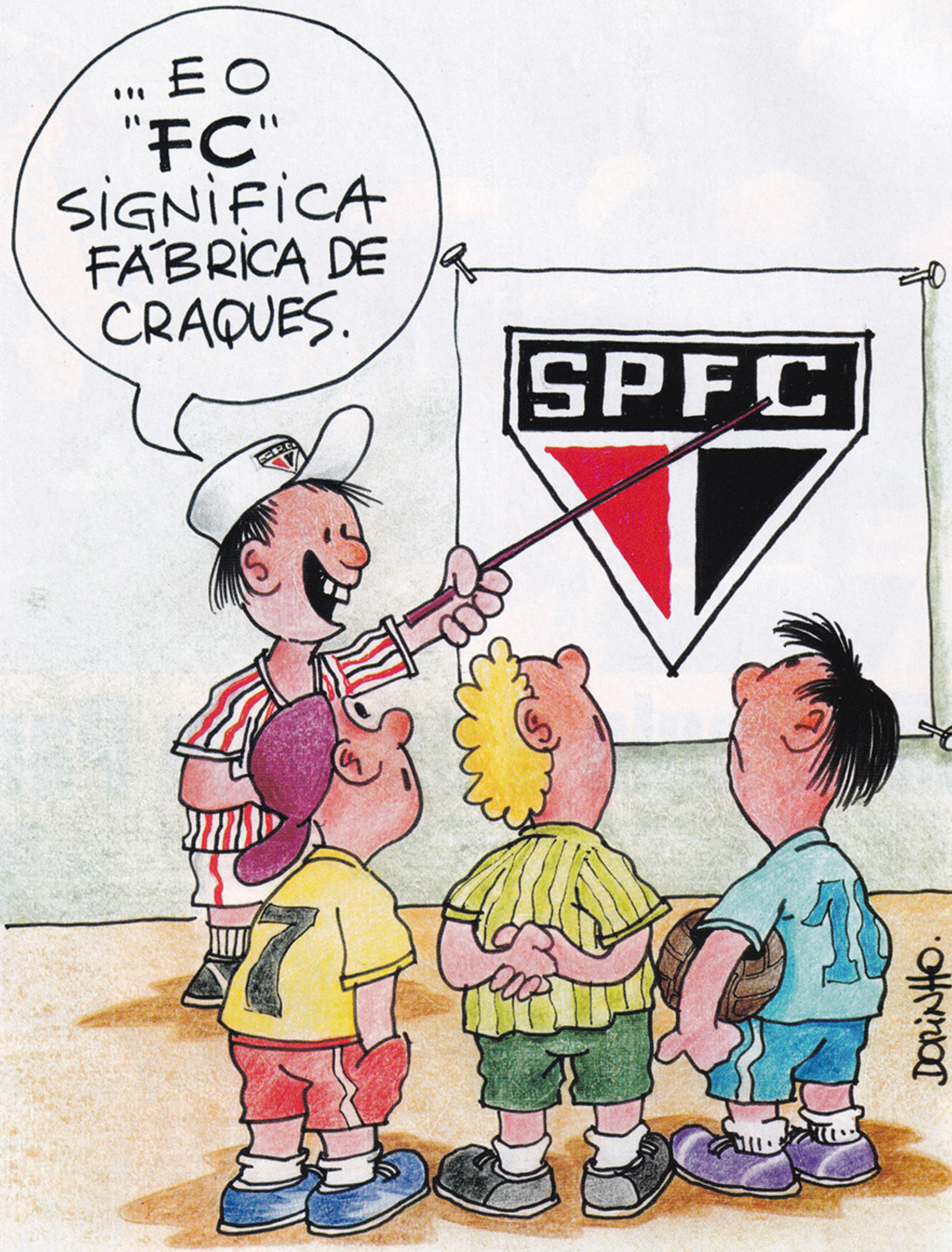
No handebol, goleadas que levaram o país ao ouro

São Paulo é ouro no Pan

Nove atletas da equipe São Paulo/Guaru representaram o Brasil no Pan-Americano de Santo Domingo. Alexandra Nascimento, Sandra Oliveira, Silvia Helena e Aline Waleska, a Pará, voltaram com a medalha de ouro conquistada com a seleção feminina de handebol e com a vaga para a olimpíada de Atenas em 2004. O pugilista Marcos André Rocha trouxe a medalha de bronze. E os outros quatro boxeadores do Tricolor que integraram o grupo brasileiro – Giliard Paulino, Erivan Conceição, Washington Silva e Rafael Duarte – registraram boa participação.

Comemoração contagiante das meninas de ouro

Aline (Pará) comemora mais um gol sobre a rival Argentina


"EO "FC" SIGNIFICA FÁBRICA DE CRAQUES.
SPFC
SPFC

Seja Sócio-Torcedor

SÓCIO TORCEDOR

ESCOLHA UMA DAS QUATRO CATEGORIAS:

BRONZE
Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio-Torcedor e fita de vídeo do SPFC.

PRATA
Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio-Torcedor, camisa oficial do SPFC e fita de vídeo do SPFC.

OURO
Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio-Torcedor, fita de vídeo do SPFC e camisa oficial do SPFC autografada.

MASTER
Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio-Torcedor, fita de vídeo do SPFC, camisa oficial do SPFC autografada e visita ao CCT.

E tem mais: bilheteria exclusiva • sorteios • promoções • descontos em lojas credenciadas • 50% de desconto nos ingressos de jogos com mando do SPFC.
Para saber mais, acesse o site:

LG

TOPPER

INSCREVA-SE.

www.saopaulofc.net

ou ligue 0800-120812.

SPFC
SÓCIO TORCEDOR

Lew,Lara

TOPPER

FUTEBOL É COISA SÉRIA

TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.

WWW.TOPPER.COM.BR

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024

ONDE A MOEDA CAI DE PÉ